



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

| CPI — TRÁFICO DE PESSOAS NO BRASIL | | |
|------------------------------------|-------------------|-------------------|
| EVENTO: Audiência Pública | Nº: 1681/12 | DATA: 04/12/2012 |
| INÍCIO: 10h59min | TÉRMINO: 12h57min | DURAÇÃO: 01h58min |
| TEMPO DE GRAVAÇÃO: 01h57min | PÁGINAS: 57 | QUARTOS: 24 |

| DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO |
|------------------------------------|
| MONIQUE MENEZES DA SILVA - Modelo. |

SUMÁRIO: Relato da convidada sobre experiência como modelo agenciada para trabalho no exterior. Deliberação de requerimento.

OBSERVAÇÕES

Houve intervenção fora do microfone. Inaudível.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Vamos dar início aos nossos trabalhos.

Registro a presença do Vice-Presidente da Comissão, Deputado Luiz Couto, do 2º Vice-Presidente, Dr. Asdrubal Bentes, e do nosso 3º Vice-Presidente, *ad hoc*, Dr. Paulo Freire.

Quero dar por abertos os trabalhos da nossa audiência pública, da reunião ordinária da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar o tráfico de pessoas no Brasil na vigência compreendida na Convenção de Palermo, de 2003 a 2011.

Esta reunião deliberativa terá como pauta, a nosso convite — não é na condição de convocada ou de investigada, nada, apenas colaborando com a nossa CPI —, a participação da modelo Monique Menezes da Silva. O outro item é a deliberação de requerimentos que estão na pauta, que nós vamos em seguida submeter à apreciação das Sras. e dos Srs. Deputados.

Havendo, portanto, número regimental, declaro aberta esta 32ª reunião da CPI.

Informo aos Srs. Parlamentares que já foi distribuída cópia das atas das 26ª, 28ª e 29ª reuniões e, sendo assim, indago se há necessidade da leitura dessas atas por parte dos Srs. Parlamentares.

O SR. DEPUTADO ASDRUBAL BENTES - Solicito a dispensa, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O Deputado Asdrubal Bentes pede a dispensa. Está dispensada a leitura das atas.

Coloco as atas em discussão. (*Pausa.*)

Não havendo ninguém para discuti-las, coloco as atas em votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que estão de acordo com as atas mantenham-se como estão. (*Pausa.*)

Aprovadas.

Expedientes e comunicações da Ordem do Dia.

Como já foi anunciado, nós vamos, nesta audiência pública, ouvir em oitava a Sra. Monique Menezes da Silva, como foi aprovado em requerimento deliberado por esta Comissão.



Antes de passar à composição da Mesa, eu queria ratificar os dispositivos do Regimento da Casa, que concede 20 minutos, podendo ser prorrogáveis a juízo desta Presidência, à nossa convidada. Depois abriremos a inscrição para cada Deputado, que terá o prazo de 3 minutos também para fazer as suas indagações, e depois igual tempo para o direito de resposta, facultadas a réplica e a tréplica pelo mesmo prazo de 3 minutos.

Alerto que, como sempre, os Deputados interessados em interpelar os nossos convidados deverão inscrever-se previamente junto à Secretaria.

Eu, então, quero convidar a Sra. Monique Menezes da Silva. *(Pausa.)*

Quero registrar também a presença da Deputada Carmen Zanotto, que, depois de um brevíssimo período de licença, está de volta para o entusiasmo de todos aqui nesta Comissão. Bem-vinda, Deputada Carmen.

O caso da Sra. Monique é o segundo caso envolvendo modelos que esta CPI vai ouvir em oitiva. Nós já ouvimos aqui, meses atrás, o caso da Sra. Ludmila e já fizemos a investigação. Acho que todos os Deputados já estão com as suas opiniões e as conclusões mais ou menos formatadas sobre essa nova modalidade, digamos assim, e nós queríamos ouvir o seu relato. Você pode ficar à vontade para descrever todo o episódio que lhe aconteceu. Quanto mais detalhes puderem ser revelados para nós tanto melhor, para que a gente possa ter a noção exata de como é que funciona esse agenciamento de modelos, que, muitas vezes — e me parece que também foi o seu caso —, é uma proposta atrativa, mas que acaba, no final das contas, servindo para outras possibilidades e outras perspectivas.

Eu lhe concedo a palavra por 20 minutos. Fique à vontade para prestar os seus esclarecimentos.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Bom dia a todos. Bem, eu comecei como modelo aos 13 anos. Minha primeira viagem internacional foi aos 14, eu fui para a Itália. Foi uma experiência maravilhosa. Eu era muito nova ainda, mas fui bem recebida, fui bem tratada. Fiz trabalhos de modelo, fotos, voltei para o Brasil, fiquei um tempo sem trabalhar, só fazendo pequenos trabalhos no Brasil mesmo. E, no ano passado, eu fiquei agenciada em uma agência em São Paulo — fazia trabalhos pra essa agência — e, através de outras modelos, eles me indicaram um *scouter*, que é o Junior Pelicano, que pegou minhas fotos, fez outras fotos minhas,



vídeos, e mandou pra agências do mundo todo. E, dentro desse tempo, ele achou essa em Nova Deli, que, na verdade, ele tinha falado que era Mumbai, e pediu contrato. Ele falou: *“Olha, vai chegar um contrato pra você, e você vai ficar um período de 6 meses, você vai ganhar um salário de 2.100 dólares, certo?, vai ter um motorista à sua disposição, porque Deli é muito grande — é meio complicado pra andar nas ruas —, e vai ter um motorista à disposição de vocês, e os prazos são de 6 meses. Todos os trabalhos que vocês fizerem, vocês irão receber no fim do contrato. Vocês anotem tudo que fizerem, todos os trabalhos que vocês fizerem anotem, e vão receber tudo no final do contrato, descontando...”* Ele falou que ia descontar... No contrato tinha aluguel, o motorista e as passagens de avião. Antes de ir, já tinha modelo lá, uma brasileira também, que tinha 18 anos, e uma venezuelana. Eu fui a última a chegar. Pelo que elas me falavam pela Internet, o contato que mantínhamos, elas não me contaram o que estava acontecendo, acho que elas tinham medo, porque eu não sabia o que elas faziam. E, quando eu cheguei, a princípio era uma casa bem grande, era uma casa grande, tinha vários quartos, e só morava a Sabrina, que era a francesa, a dona da agência, e as duas moças e os empregados da casa. Na verdade, ela tinha 15 cachorros e tinha 3 gatos, que conviviam na mesma casa: entravam no nosso quarto, eram livres, os animais eram soltos pela casa, eram bem mal cuidados os bichinhos — ela não levava ao veterinário —, viviam doentes. A princípio, como eu... Eu fui pra lá com um sonho. Como já tinha tempo que eu tinha viajado, surgiu a oportunidade... Eu tinha pedido pro Junior: *“Olha, eu preciso...”* Eu contei a minha situação pra ele, eu tenho um filho, eu falei que tinha o sonho de ter a minha casa, de conseguir minha realização internacional, e confiei nele. Eu li pouco do contrato, porque eu não tenho inglês, eu não falo inglês fluente. Ele me explicou. Eu pedi para ele ler, e ele me explicou o contrato, eu assinei, e foi. Nos primeiros dias, foi trabalho de modelo. Tinha um motorista, ele nos levava aos testes, e era pra fazer fotos pra *sites*, fotos com roupas indianas. Em nenhum momento teve teste pra desfile, eram mais fotos mesmo. Como a Índia é um país bem comercial, era o que eu esperava mesmo: fotos pra revistas, catálogos. As primeiras semanas foram assim. Quando eu cheguei, eu já deparei com a venezuelana. A Deivy já estava doente. Ela estava com infecção intestinal e estava com infecção no pé. O pé estava bem inchado,



tinha bolas de sangue, umas bolinhas de sangue no pé. Até então, ela disse que tinha pagado um médico. Ela mesma pagou, do bolso dela, pro médico olhar o que ela tinha porque, no contrato mesmo... Quando eu cheguei lá, eu comecei a ler o contrato com as meninas, e já dizia que ela não era responsável por médico. Qualquer problema de saúde que uma de nós tivéssemos, íamos ter que arcar nós mesmas. E, assim, já achei estranho, mas continuei fazendo os testes normalmente. Quando passou a segunda semana, eu já comecei a achar estranho, porque ela falou: *“Vocês têm uma festa pra ir hoje, e começa às 10 horas. Vai você e vai você.”* Escolheu eu e mais outra moça. *“Vocês vão vestir esse vestido aqui, tá? Prendam os cabelos. Quero uma maquiagem bem bonita, coloquem o melhor salto que vocês tiverem, e vocês vão ficar nessa festa.”* Até então, eu não sabia o que estava acontecendo. Eu me vesti. E ela era bem autoritária. Então, a gente tinha até um pouco de receio de falar com ela, porque ela era bem grossa, até bem, bem...

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - A francesa, a Sabrina. Ela sempre falava: *“Olha, vai chegar uma modelo essa semana. Vai chegar outra modelo essa semana.”* Eu ligava... O Junior ligava: *“Vocês estão bem?” “Nós estamos bem. Vamos trabalhar hoje.”* Até então, estávamos empolgadas com os trabalhos, porque, quanto mais recebesse, né?, íamos liquidando o que a gente estava tendo que pagar, pra começar a ganhar o nosso próprio dinheiro. E, com essa primeira festa, eu já fiquei assustada. Porque nós fomos, ela nos entregou pro cliente, que era um rapaz. Ela nos entregou: *“Está aqui as modelos. Que horas eu volto pra buscar?”* Aí ele falou: *“Pode vir a 1 hora.”* E deixou a gente lá e foi embora. E ficamos sem saber o que é que tinha que fazer. Daí ele chegou: *“Olha...”* Mostrou — não tinha ninguém ainda —, mostrou um bar com várias bebidas. Tinha vários tipos de uísque, tequila, os copos. *“Aqui está o gelo, aqui está o limão, e vocês vão ficar aqui.”* E aí foram chegando os convidados. E chegavam os homens e falavam: *“Olha, eu quero isso. Eu quero isso com isso, com isso.”* E eu, sem saber, porque eu não sabia nem como fazer, eu nunca tinha feito isso. Foi aí que uma das modelos falou pra mim: *“Olha, faz isso. Faz isso. Faz o que ele está mandando.”* E elas, às vezes, traduziam para mim, porque eu falo pouco inglês, né? Mas como o inglês dos indianos são muito puxado, eu não entendia. *“E faz isso, e faz isso.”* E aí, conforme o decorrer da festa,



eles iam ficando bêbados. Chegavam e pegavam no cabelo e falavam: *“Você é linda! Vamos sair. Quanto que você cobra pra gente sair? Vamos marcar, me dá o seu telefone.”* E, às vezes, eu bem constrangida, eu não falava ou saía de perto, virava as costas. A Thelma também. Ou ela falava: *“Dá licença, dá licença.”* Eles acabavam saindo ou, quando o dono da festa percebia, chegava e levava eles embora. E, quando chegava no final da festa, a 1 hora, ela chegava, pegava a gente e levava pra casa. E, às 7 horas da manhã, a gente chegava em casa muito cansada. Duas horas. Às vezes não tinha água, não tinha água quente. Íamos dormir, porque nós estávamos exaustas. Não podíamos comer, porque, quando... Eles exigiram que a gente emagrecesse antes de viajar. E ela falava: *“Olha, vocês estão gordas, tá? Eu não vou trabalhar com vocês gordas assim. Emagreçam!”* O combinado foi ganhar 2.100 dólares por mês. Ela nos deu 2 mil rúpias por semana. Eram 2 mil rúpias. Cada mil rúpias, acho que vale 20 dólares. Nós ganhávamos 40 dólares por semana. Era pra comer, pra poder falar com a família, se quisesse colocar um crédito no celular, ou tentar Internet tinha que pagar também. Às vezes, ela usava o motorista...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Daria 160 dólares.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Isso mesmo. E, às vezes, ela usava o carro que era pro motorista nos levar pros testes, e a gente tinha que pegar um *rickshaw*, o táxi, ou pegar um metrô. E isso ia do dinheiro que ela dava semanal. Então, não dava pra nada. Teve uma semana que eu fiquei sem nada. Foi acabando a comida. E, às vezes, os cachorros invadiam a cozinha, subiam, abriam os armários, comiam o que tinha dentro do armário. Duas vezes eu fiquei sem comida. Tinha que dividir com as meninas ou comia nos trabalhos. Em certos trabalhos de fotos que a gente fazia, os próprios clientes compravam lanche ou davam almoço. E aí que a gente aproveitava pra comer, porque em casa não podia. Se ela visse comendo qualquer tipo de comida, pão, o que fosse, ela tomava e falava: *“Olha, vocês estão gordas, horrorosas! Como se trabalha assim, com meninas gordas desse jeito! Não tem como! Vocês vão embora pro Brasil. Se vocês não fizerem o que eu estou mandando, vocês vão embora pro Brasil. Como é que trabalha gorda desse jeito?”* E as meninas acatavam. Eu ficava meio assustada porque eu nunca esperava que fosse dessa forma. Jamais imaginei que ia ser tratada assim. E



chegávamos em casa, a cama tinha urina. Os gatos urinavam em cima da cama. Inúmeras vezes eu cheguei a dormir com o cobertor molhado. Estava muito frio. Eu cheguei em Deli dia 20 de dezembro. Quando eu cheguei, estava 3 graus. No dia que eu cheguei estava muito frio. O quarto era bem frio. Tinha duas camas. Dormia eu e a Deivy, a venezuelana. A Thelma, que era a outra modelo, dormia no quarto de baixo. E o banheiro era bem precário. Na segunda semana que eu cheguei, depois dos primeiros trabalhos que eu fiz, eu tive uma infecção intestinal. Eu fiquei muito debilitada. Eu perdi 4 quilos. E a água tinha uma cor estranha. Eu falava pras meninas: *“Isso não é normal. A água tem uma cor estranha, e a gente tá passando mal.”* Todas as três passando mal. E eu falava: *“Olha, Sabrina, eu não estou bem, eu não posso trabalhar hoje.”* Ela: *“Não, tem que trabalhar. Vocês vieram pra trabalhar. Levanta e vai trabalhar. Toma esse comprimido.”* E fazia a gente tomar uns remédios. Dava remédios. *“Toma esse comprimido e vai trabalhar.”* Com muita dor de barriga, sem forças. Às vezes, a gente não tinha forças. A Deivy, às vezes, chegava a desmaiar no quarto. E ela falava: *“Não, vocês têm que trabalhar.”* E foi quando ela descobriu que teve um... Pelo que ela falou pra gente, quebrou o cano que passava a correnteza de água, que ia pro chuveiro, ia pra água do banheiro, que se contaminou com as fezes dos cachorros que ficavam na parte de baixo. E aí ela falou: *“Olha, infelizmente quebrou um cano e acabou tendo contato com as fezes dos cachorros aqui, dos gatos, e acabou indo pra água que vocês estavam tomando banho.”* Eu até tinha percebido que a água tinha mal cheiro. A água tinha cor diferente. E ficamos, as três, do mesmo jeito. Só que quem ficou com a infecção mais forte fui eu. Eu fiquei de cama 4 dias, com muita dor. Eu emagreci. Eu perdi 4 quilos. E eu falava... Minha mãe ligava e perguntava: *“O que está acontecendo?”* Eu falava: *“Olha, mãe, estou assim e assim.”* *“Deve ser o tempero da comida, fica bem.”* E, pra não assustar a minha família, eu sempre tentava manter a situação, eu mesma resolver. E foi tendo as festas. Foi ficando pior. Foi ficando pior. Chegamos a viajar uma vez, duas vezes. Ela simplesmente falou: *“Olha, vocês vão pra tal estação de metrô, fiquem esperando lá que vai um rapaz buscar vocês.”* E nunca eram as três juntas. Era sempre... De nós três, iam duas. A outra ficava em casa, ou a outra ia pra outro trabalho. E fomos pra outra cidade, uma cidade chamada Hisar. Ficamos no hotel. Era pra fazer um desfile de um uísque. Nós chegamos nesse



hotel, entramos no quarto, e o cliente entrou com mais dois homens e ficou. Trouxe uma garrafa de bebida. E nós estávamos com roupa de dormir. Bateu na porta do quarto. Nós perguntamos: *“Pois não?”* Ele abriu a porta do quarto, entrou. Na hora, eu estava falando até com a minha mãe. Eu falei: *“Mãe, entrou dois homens aqui, agora. Tem três homens aqui, eles estão bêbados.”* Ela falou: *“Olha, corre! Se tentar qualquer coisa com você, corre!”* Eles estavam bêbados. E, na hora, eles até falaram: *“Vamos ficar aqui. Vamos passar a noite aqui.”* Eu entrei em desespero e falei: *“Não vou.”* Eu chamei o cliente e eu falei: *“Se você não tirá-los daqui agora, eu vou gritar, eu vou chamar a polícia, vou sair correndo.”* Tentamos ligar pra Sabrina e falamos pra ela: *“Olha, tem três homens dentro do quarto aqui. Estão bêbados. Nós estamos com roupas de dormir. Se eles não saírem daqui agora, eu vou chamar a polícia.”* Eu falei pra ela. Daí ela ligou pro cliente. Ele se retirou e no outro dia fomos embora. Ela não ia com a gente. Ela nos entregava pros clientes. Nós íamos. Se fosse pra acontecer alguma coisa, ela não ia saber. Mas, assim, como eu era a mais velha das três, eu sempre que tomava a situação, né?, a rédea da situação, intervia, qualquer coisa, porque as meninas tinham medo dela. Porque se elas tivessem me falado o que estava acontecendo antes de chegar lá, eu não tinha ido. Elas já estavam passando por maus-tratos, já tinham trabalhado à noite. E, conforme foi trabalhando à noite, ela falava assim: *“Olha, vocês trabalham e...”* Todo o final de trabalho, quando ela chegava pra buscar a gente, ela recebia 10 mil rúpias de cada uma. Nós ganhávamos 10 mil rúpias por festa. Cada modelo era 10 mil rúpias. Como eram três, ela pegava 30 mil rúpias na hora. No outro dia, ela saía, usava o carro, que era direito nosso pra poder fazer os testes, e ela chegava cheia de sacolas, ia no *shopping*, voltava com o cabelo arrumado, e atrasava o nosso *pocket money*, que era o dinheiro semanal. Ela não dava: *“Olha, hoje não tem.”* E, aí, ficávamos dependendo. Às vezes, emprestava. Eu emprestava pra Deivy ou a Thelma me emprestava. Ou, quando uma tinha comida, a outra comia. E ficava assim, uma ajudando a outra. E foi no dia em que ela entrou no quarto xingando todo mundo: *“Vocês são gordas! Vocês são tudo safadas!”* Xingando. Teve um dia que eu perdi a cabeça e falei: *“Não, vou procurar o consulado.”* Porque não é possível, não chega mais modelos, só tem nós três aqui. Não estamos fazendo trabalhos de modelo, só em festas, em bar. Íamos pra festas e a gente tinha que



servir bebida na boca dos clientes, a garrafa. Eles mandavam: *“Coloca na minha boca.”* Tinha que servir a bebida, passavam a mão, pegavam no cabelo, queriam agarrar, ofereciam dinheiro. *“Vocês querem quanto? Vamos ali.”* E aí eu falei: *“Gente, tá ficando insuportável.”* Eu liguei pro telefone de emergência do consulado e falei: *“Olha, tá acontecendo isso e isso, e eu não aguento mais. Não aguento mais os maus-tratos.”* Ela entrava às 7 da manhã no quarto gritando: *“Levanta da cama!”* Não deixava a gente dormir. A gente chegava às 2 horas da manhã, cansada, a gente não tinha tempo nem de tomar banho, não podia comer, e doente. Aí, teve um dia que eu falei assim: *“Não, vou procurar ajuda do consulado.”* Porque estava, assim, insuportável a situação. Das três, eu é a que tinha menos condição financeira, tanto pra voltar... A mãe da Thelma conseguiu comprar passagem pra ela. A Deivy, a agência dela na Venezuela, mandou a passagem. A minha passagem foi doada. Eu pedi ajuda do consulado, porque eu não tinha condição de comprar a passagem de volta, meus pais não tinham condição. Minha mãe, quando soube da situação, ficou desesperada. E, a partir do dia que eles começaram a investigar, o consulado começou a investigar, descobriram que ela tinha casos de não pagar outras modelos, que já tinha casos de maus-tratos. Outras modelos foram ao consulado fazer reclamações dela também, ucranianas, húngaras, modelos de outros países, da Argentina, da Venezuela, e eles nos tiraram da casa dela e pagaram albergue pra gente ficar até a situação se resolver. Ela nos perseguiu, ligava no celular, mandava mensagem, falava que ia mandar alguém atrás da gente, que tinha uma pessoa muito poderosa e que jamais a gente ia conseguir prejudicar ela. Na primeira semana que eu cheguei, ela me levou numa festa pra conhecer o tal dono da agência, de nome Abhishek Verma, era muito poderoso, superconhecido lá. Na Internet tem casos... Ele já foi preso até por — acho — lavagem de dinheiro, e nós pesquisamos sobre ele. Ela nos levou até essa festa e ele estava lá. Ele subia em cima da mesa, jogava dinheiro na nossa cabeça, em cima da cabeça de uma odalisca que dançava. Chegou a falar pra ela que queria sair comigo. *“Olha, ela chegou agora. Quanto que ela quer por um programa?”* Ela falou: *“Bom, por enquanto não, porque ela chegou agora. Dá mais uns meses, que, quem sabe, a gente não consegue.”* E ela sempre ameaçava: *“Olha, vocês... Não quero saber de namoro, de homens aqui”* — ela falava — *“Se vocês quebrarem o contrato, vocês*



*vão embora pro Brasil e vocês pagam multa.” No contrato tinha uma cláusula de pagar multa de 500 mil. Não lembro se eram 500 mil rúpias ou 500 mil dólares. Era muito dinheiro! E essa cláusula só era válida, no nosso caso, se quebrássemos o contrato. Não tinha uma cláusula, no caso dela, quebrar o contrato da nossa parte. Do consulado, o Vice-Cônsul Daniel nos apresentou um advogado. Ele traduziu o contrato, viu que o contrato era irregular, não era reconhecido, e só tinha cláusulas a favor da agência. Quando eu fiquei sabendo dessa agência aqui no Brasil, foi apresentado o nome de um cliente, que era o Chirag, o dono da agência, e quando eu cheguei lá, ela falou que era o Abhishek. Não conhecia. E assim que começou os maus-tratos, eu liguei pro *scouter* no Brasil, e falei: “*Olha, tá acontecendo isso e isso. A gente precisa de ajuda, quer ir embora.*” Ele sumiu. Ele não... Eu ligava, não atendia a ligação; ele falava que estava em outro Estado e não podia atender. E ele sumiu. Até hoje, acho que ele não sabe como que eu voltei pro Brasil, né? Ele não sabe como que eu voltei. Não ligou, não deu nenhum sinal de vida. Quando ele soube que nós procuráramos o consulado, que ela estava fazendo coisas irregulares, ele sumiu. Então, assim, eu jamais imaginei que ia passar por isso, porque ela era muito cruel, muito cruel. A gente doente, ela nos tratava assim... Ela tratava os cachorros, assim, melhores que a gente. Ela xingava, usava palavras baixas: “*Ah, vocês estão gordas, ridículas!*” E falava que a gente estava se prostituindo, porque nosso meio de fugir dela, a gente falava: “*Olha, Sabrina, a gente precisa ir no mercado fazer compra. Não tem nada pra comer. Vamos no mercado.*” E ali que a gente procurava falar com mãe, com pai. Foi nesse mesmo... Por esse mesmo lado eu consegui ir no consulado e falei pra ela: “*Olha, eu preciso ir no mercado comprar uma coisa, aí daqui a pouco eu volto.*” Aproveitei e peguei um táxi pro consulado. Esse mesmo dia ela ligou e falou: “*Olha, vocês estão aonde?*” Eu falei: “*Olha, a gente tá no shopping e estamos voltando.*” Ela falou: “*Voltem pra casa agora! Vocês tão pensando o quê? Vocês querem voltar pro Brasil?*” Aí foi que o Daniel atendeu, o Vice-Cônsul, e falou: “*Olha, a senhora tá falando com autoridade, entendeu?, mais respeito; as meninas estão no Consulado brasileiro. Estão prestando aqui... Elas têm uns deveres a cumprir aqui, tá tendo votação no Brasil.*” Usou isso pra falar com ela. Aí ela acabou que perdeu a linha com ele, e falou um monte. “*Olha, elas são minhas modelos, elas estão sendo pagas pra fazer isso, e elas têm um contrato comigo. Se**



elas não voltarem agora, como quebra de contrato, eu cancelo a passagem delas.” Ele disse: *“Então, a senhora cancela. A senhora cancela, porque elas não vão embora. O passaporte delas está preso aqui no consulado. Então a senhora pode cancelar a passagem.”* Nesse mesmo dia foi o que ela fez. Ela cancelou nossa passagem, nosso tíquete, e nós ficamos sem ter como voltar pro Brasil. Ela cancelou a passagem, e ficamos presa lá. E, nesse mesmo dia que voltamos, eu fui buscar minhas coisas dentro do quarto — eu e a Thelma —, e ela chamou dois homens, dois fotógrafos, que fizeram foto na porta dentro do quarto, e eles começaram a perguntar: *“Por que vocês querem ir embora?”* Chegaram perto pra abraçar a gente. *“Fica aqui.”* Aí eu falei: *“Thelma, se você não for embora agora, eu vou...”* Chamamos a polícia, liguei pro Daniel e falei: *“Daniel, preciso da polícia aqui agora. Tem dois homens dentro do quarto, ela não quer deixar retirar nossas coisas, e eu quero ir embora.”* E aí ela deixou a gente sair. A polícia veio, com a escolta da polícia, nós fomos levadas pra um hotel. Com a ajuda do advogado, nós levamos o contrato, fizemos... Com a ajuda do consulado, eles fizeram um papel com o processo. Chegamos a entrar com processo contra até o governo indiano, porque é um processo pra poder tirar visto indiano, demora um pouco. Tive que fazer uma entrevista com o Cônsul; ele analisou o contrato, e o advogado mesmo falou que já tinha coisas erradas, de cara... Olhando o contrato já tinha coisas erradas. Foi analisado um dia pelo Cônsul da Índia aqui no Brasil, e ele liberou minha entrada lá no país. Ele liberou, por ser um visto de trabalho. Tem todo um processo. Tive que fazer entrevista com ele. Ele teve que examinar o contrato página por página. E, mesmo assim, sabendo dos erros que tinha no contrato, foi liberada a minha entrada no país. Aí entramos com processo de danos morais contra o governo indiano, e pedindo a deportação dela, porque ela é francesa. E pelo que me foi informado até pouco tempo atrás, não deu em nada. A juíza, acho que não deu nem a favor dela, nem a favor nosso, das modelos, e foram fazer... A CBI foi fazer uma investigação na casa dela. Eu acho que ela deve ter tirado os bichinhos, né? Pintou a casa, os quartos, tirou os cachorros, os gatos, e eles não encontraram prova nenhuma que incriminasse ela. Prova nenhuma! Mas, inúmeras vezes, a gente chegava em casa, os armários estavam abertos, nossas comidas, pão, tudo sujo, os cachorros comiam... os cachorros ficavam doentes. A gente via diarreia, os cachorros doentes.



Entrávamos na cozinha, os empregados davam comidas pros cachorros nas panelas que nós fazíamos sopa, que cozinhávamos. Inúmeras vezes, nós entramos na cozinha e eles estavam comendo nas panelas que nós cozinhávamos. E a gente falava: *“Não, não pode, a gente cozinha nessa panela.”* Eles falavam: *“Ordens da dona Sabrina.”* A princípio, ela mentiu o nome. Eu fui pra lá sabendo que o nome dela era Anne Savouyaud. É Anne Sabrina. Ela não queria que nós soubéssemos que era Anne Sabrina. É Anne Sabrina Savouyaud, e fomos descobrindo uma série de coisas. Entramos na Internet, vimos que tinha casos de outras... Parece que ela já é conhecida na França. Ela não pode ter agência na França, que ela já teve alguns casos de modelos também na França, modelos ucranianas... Teve outros relatos de modelos ucranianas que disse que ela também já explorou, já fez trabalhos e não pagou. E fizemos inúmeros trabalhos. De todos os trabalhos que eu fiz, pelas contas, eu já tinha pagado as minhas dívidas, tinha direito, acho a 5 mil dólares. A Thelma tinha direito a 10 mil dólares, e não foi pago nada. Nós voltamos pro Brasil. Eu voltei com a passagem que eu ganhei, sem nada. Fui com esperança e voltei sem um real. Voltei sem nada, voltei... Eu tinha comprado coisas pra levar, porque estava muito frio. Eu não tinha roupa de frio. Comprei coisas pra levar, comprei remédio, e acabei que voltei sem nada, devendo coisas que eu tinha comprado, e sem... — traumatizada, porque eu não tive coragem de procurar outra agência, porque eu fiquei... Pra poder tirar da minha cabeça que eu estava gorda, demorou... Ainda fico meio com essa coisa na cabeça. Fiquei 2 meses... Eu comia muito mal, porque eu sempre estava com impressão que estava gorda. Não procurei mais agência nenhuma. Fiquei isolada 2 meses em casa. Cheguei a fazer uma videoconferência, uma audiência... Teve uma audiência lá em Deli, o consulado interferiu nessa audiência, videoconferência, eu cheguei dar o meu depoimento. Eu estava muito abalada, eu chorei bastante, mas, mesmo assim, não deu em nada, não deu em nada. Eu ainda não conseguia trabalhar direito. Ainda me sinto bem mal, me sinto gorda pelas coisas que ela falava, e tenho muita dificuldade em trabalhar, em me expor. Qualquer lugar que tenha homens, assim, demais no trabalho, eu fico meio apreensiva. E faço trabalhos mesmo lá onde eu moro. Estou morando com meus pais na Bahia, recentemente, numa cidade pequena, com pequenos trabalhos lá. Trabalhos pequenos, com fotos, essas coisas. Mas foi bem



doloroso o tempo que fiquei lá, bem doloroso. É uma sensação horrível de você não poder pedir ajuda, ou de você ligar pra sua família e não poder falar, porque minha mãe e meu pai não tinham condição de mandar a passagem de volta. Não sabiam o que estava acontecendo. A sensação de você não ter pra onde correr. Você está num país onde você não fala a sua língua. E lá, na Índia, os homens, assim, era um assédio muito grande, muito grande! Eles não podiam... Eles acham que a mulher, se não for indiana, é mulher vulgar, porque na Índia as mulheres se cobrem inteiras. Então, o modo que a gente se veste, para eles, é como se a mulher fosse vulgar. Então, eles já chegavam de um modo que... passando a mão, e já falando coisas e passando a mão, pegavam no cabelo, já faziam propostas indecentes. Então, assim, foi bem traumatizante. Eu voltei pro Brasil bem traumatizada. E as outras moças também. A Deivy voltou bem debilitada. Ela teve até um problema no... Quando ela chegou na Venezuela, ficou internada. Ela chegou com um problema, uma bactéria no intestino. A Thelma, também, foi a primeira viagem dela. Por ter 18 anos, ela também ficou bastante chocada com a situação, né? E todas nós, assim, paramos um pouco de trabalhar. A Thelma continua no Estado dela. Ela faz pequenos trabalhos como modelo, e eu também. E o Junior até hoje eu não tenho contato com ele. Ele continua mandando modelos pra fora. Eu tenho contato com modelos ainda que ele mandou pra fora. E, nesse caso, outras modelos que trabalhavam com ele, que eu conhecia, ele mandou pra outras agências, e mandou eu e a Thelma pra esta, que se chama Be One Talent, o nome da agência, né? E se denominava em Mumbai, quando... No dia da passagem, eu soube que era em Deli, em Nova Deli. Eu não sabia que era em Deli. O local mesmo que tem bastante trabalho é Mumbai, mas nunca fomos pra Mumbai. Ficamos só em Deli. Era uma casa bem escondida onde ela estava. Ela já tinha mudado de outra casa, por problemas na outra casa, problemas com modelos. Ela mudou pra essa casa. E, assim, ficamos só nós três. Só tínhamos nós três de modelos, mas ela não levou mais nenhuma modelo. Logo que nós denunciemos, o Consulado Geral da Índia em São Paulo não liberou mais a entrada de modelo nenhuma, depois que denunciemos. Ela ia chamar outra modelo pra trabalhar com a gente, mas o Cônsul não liberou a entrada da moça, depois que denunciemos a agência no Consulado brasileiro.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ok. Muito obrigado, Monique, pelos seus esclarecimentos.

Nós vamos agora facultar a palavra aos Srs. Deputados.

Pediria só um papel e uma caneta para que a Monique possa, se quiser, fazer alguma anotação, registrar alguma pergunta.

Passo a palavra ao Deputado Paulo Freire, para fazer suas considerações.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sr. Presidente, colegas Deputados, senhores, eu tenho aqui, em realidade, algumas perguntas a realizar pra Monique, se bem que ela relatou bem o caso. Mas eu gostaria somente de firmar algumas coisas, Sr. Presidente, concernentes aqui... Qual o nome da pessoa que agenciou vocês antes de vocês saírem pra Índia? Você falou dessa pessoa, que ele ainda está fazendo esse tipo de trabalho.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso, isso. Eu conheci através de uma modelo. Eu tinha uma agência em São Paulo, que fazia trabalhos com frequência. E essa modelo me indicou este *scouter*, conhecido como Junior Pelicano. Ela falou: *“Olha, eu conheci ele e ele me mandou pra Milão em uma semana”*. E como era meu sonho fazer uma carreira internacional, conseguir viajar... Tanto porque você tendo uma carreira internacional, fotos fora do País, abre muitas portas no Brasil. E ela falou: *“Olha, vai no Junior Pelicano, liga pra ele, faz uma entrevista, que eu tenho certeza que ele te manda pra fora”* No mesmo dia, eu entrei em contato com ele. Ele pediu umas fotos minhas, mandei. Ele fez um vídeo meu, um vídeo em que eu falava minhas medidas e tal. Depois de duas semanas, ele conseguiu várias agências, inclusive essa da Índia.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Esse Junior Pelicano é brasileiro?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Ele é brasileiro.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quando vocês souberam que iam para a Índia e assinaram o contrato, você disse que ele leu o contrato.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Nessa lida do contrato, ele disse para vocês que, na quebra do contrato, vocês teriam esta multa de 500 mil dólares?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não. Ele, na verdade, pegou o contrato: *“Olha, é um contrato como qualquer outro”*. Ele falou desse jeito. Aí ele



pegou e leu assim: *“Olha, vocês vão ter direito a motorista, a isso e a aquilo. E vocês, com a passagem, vão ficar 6 meses. Vão ficar numa casa assim, vão fazer trabalhos assim”*. E pronto. Leu assim bem por cima.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quando que vocês chegaram lá em Nova Deli? Quando foi que vocês chegaram? Em que mês?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Eu cheguei dia 20 de dezembro e a Thelma já estava lá há alguns dias. Acho que ela já tinha umas duas semanas antes de mim. Ela foi primeiro.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quando vocês assinaram o contrato, ele, este rapaz, Junior Pelicano, disse para vocês, especificamente, qual era o trabalho que vocês iam realizar na Índia?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Na Ásia... É um país bem comercial. A Índia, como perfil comercial... Ele falou: *“Você vai trabalhar superbem, vai fazer trabalhos como catálogo, revistas”*. Ele não citou desfiles, mas revistas, catálogos, *book*, fotos para o *book*, *“é o que vocês vão fazer.”* Ele não chegou a falar em festas, em nada disso.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Desfile de modelos? Ele não falou sobre isso?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Ele falou: *“Você vai fazer trabalho de modelos, foto, porque na Índia o forte mesmo é mais comercial; desfile mesmo é mais Milão, Europa, Nova Iorque”*. Aí ele falou: *“O que vocês vão fazer mais lá é fotos, revistas, catálogos, e aproveita bem o que tiver para usar material, porque vai ser um bom material para vocês”*.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Aqui nos nossos registros diz que vocês foram contratadas para campanhas na Índia. Que tipo de campanhas são estas faladas aqui: campanhas na Índia?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É que tem campanhas, às vezes, pode ser por uma roupa ou por um celular, mas não teve nenhum tipo de campanha. Nós não participamos de nenhum tipo de campanha. Eu fiz até um teste para um comercial, mas ela disse que era um teste. Eu fiz um vídeo e ela falou que ia mandar para alguém, para um cliente ver o vídeo, como se fosse tirando uma foto, mas depois não me falou mais nada.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Nas primeiras duas semanas em que vocês chegaram, você relatou que, depois de duas semanas, vocês foram praticamente obrigadas a participar de uma festa e ficaram até de madrugada.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O que vocês fizeram durante essas duas primeiras semanas que vocês chegaram lá?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Essas duas primeiras semanas foram só trabalhos gratuitos. Ela falava: “*Olha, vai fazer um shooting, é de graça, são fotos para vocês colocarem no book.*” Como eu estava com um *book* bem fraquinho, não tinha muita foto para eu apresentar para os clientes. “*Vai fazer um shooting, é de graça, mas você usa para colocar no book*”. As duas semanas só foram trabalhos gratuitos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O que é um *shooting*?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - *Shooting* são sessões de fotos de biquíni ou com sári, roupas indianas, que a gente coloca no *book*, mas você não ganha nada, só para você ter a foto. As duas semanas foram trabalhos gratuitos.

Um trabalho que nós fizemos, que pagou bem, muito bem. Ela mandou várias modelos, nós três que éramos modelos dela e outras moças que ela conhecia de fora. Foi um trabalho para a Chevrolet. Foi uma exposição da Chevrolet, Auto Expo, que pagou 15 mil rúpias por dia, foram 7 dias de trabalho. No trabalho, ficávamos das 8 horas da manhã até as 6 horas da tarde na frente dos carros, numa exposição de carros. Nós ficávamos divulgando os carros. Cada uma ficava com um carro. Foi um dos trabalhos que pagou melhor. Cada uma ganhou 15 mil por dia. Esses trabalhos como modelo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Pagos para vocês?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso, para nós três. Nós três fizemos esse trabalho. Foi o que pagou melhor. Fizemos outra exposição também, que foi de um cliente que tinha uma empresa de plásticos coloridos. Era trabalho de *hostess*, que era ficar recebendo os clientes dele, da empresa dele. Nós ficávamos encaminhando os clientes até as mesas para comprar, divulgar...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Mas esse tipo de trabalho estava incluído no contrato?



A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não. Não estava incluído.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E por que vocês faziam? Porque vocês foram contratadas para ganhar 2 mil...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - E 100 dólares.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Dois mil e 100 dólares por mês.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E o que vocês tinham que fazer para poder ganhar esses 2.100? Não, era aquela sessão de fotos?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não, era um salário, porque. Até para o próprio Cônsul liberar nossa entrada, se uma pessoa vai para trabalhar na Índia, ela tem que ir para ganhar um salário. Como é que ela vai se manter? O que colocaram no contrato foi isto: nós iríamos ganhar um salário, independente dos trabalhos, de 2.100 dólares, para manter comida, nossas coisas pessoais. Foi isso que foi combinado. Quando chegamos lá, ela falou: "*Olha, vocês vão ganhar 1.000 rúpias na segunda e 1.000 rúpias na quinta-feira. Duas mil rúpias por semana para vocês comerem e fazerem o que vocês têm que fazer.*" Só que não dava. Isso daí eu já fui meio que sabendo, achando que ia ganhar isso. Eu falei: "*Bom, necessidade não vamos passar.*" Quando chegamos lá, ela falou: "*Vocês vão ganhar 2.000 rúpias por semana.*"

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Monique, pelo que eu entendi, vocês não participaram só de uma festa. Ela mandava vocês participarem de várias festas, não é?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Você disse, então, que tinha sido assediada por homens e tal. Eles falavam português ou inglês?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não, falavam inglês.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Como é que você entendia que era um assédio?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Eu falo um pouco, sim, e pelo modo como vinham também, bêbados, alguns estavam bêbados, já chegavam abraçando, pegavam no cabelo ou, quando distraídas, passavam a mão, porque nem em todas as festas ficávamos atrás de um balcão. Em algumas festas, como



bartender, ficávamos atrás de um balcão só fazendo as bebidas, coisa que, a primeira vez que eu fiz, eu sofri muito, porque eu não sabia nem o que era. Eles apontavam: “*Quero isso, quero isso, quero isso*”. O inglês dos indianos é bem puxado, é terrível para entender. Eu falo bem pouco. A Thelma, como já estava lá há umas duas semanas e falava inglês melhor, já tinha feito anos de inglês, já sabia melhor, já entendia melhor. Ela me dava toque: “*Olha, ele quer isso, ele quer isso*”. Aí, na primeira semana, eu falei: “*Gente, eu não vou dar conta de fazer isso, porque eu não sei mexer em bar e fazer bebidas*”. Diversas vezes, ela falava: “*Olha, decidam entre as três; tem uma festa para ir hoje, mas é só uma; quem que vai?*” A Deivy é quem estava mais debilitada, com o pé inchado e doente, e ficava entre mim e a Thelma. Aí eu me desesperava, porque eu não falava inglês. A Thelma é que falava melhor. A Thelma falava: “*Não, pode deixar que eu vou.*” Os trabalhos que tinha de *bartender*, quando tinha para uma pessoa só, ela sempre ia. Quando tinha para as três, ela sempre ajudava. “*Olhe, ele quer isso, ele quer aquilo; e faz isso e faz aquilo.*” Eu falava para ela: “*Gente, isso não é normal. A gente não está aqui para... Cadê o trabalho de modelo? Eu quero trabalhar como modelo*”. Esses trabalhos eram só à noite, eram só à noite. “*Hoje vocês têm um trabalho 9 horas da noite; quero, às 9 horas, vocês prontas*”. Aí ela chegava com o carro e já entregava o vestido. A moça que trabalhava passava o vestido, era um vestido curto, preto. Nós três vestíamos o mesmo vestido. “*Eu quero vocês com o cabelo assim, quero a maquiagem assim, bem bonita, e pronto, de salto, e pego vocês em tal horário*”.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - No início, por que vocês não questionaram a Sabrina, desde a primeira festa, dizendo a ela: “*Nós não fomos contratadas para isso?*”? Vocês chegaram a questionar isso com ela ou não, nunca questionaram?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Nós perguntamos para o Junior Pelicano. Ele ligou. No primeiro dia em que cheguei, ele ligou para saber se eu estava bem. Na segunda semana, ele ligou: “*E como é que está aí a situação?*” Eu falei: “*Olhe, Junior, está tudo bem*”. Até então, eu estava fazendo só *shooting*, só fotos. Quando começamos a fazer trabalho, eu falei: “*Agente está cansada, chegamos às 2 horas da manhã, estamos morrendo de sono, com fome, e vamos ter*



que trabalhar daqui a pouco". Ele: "Ah, é bom, quanto mais trabalho, melhor". Ele falava. "Vão trabalhando; o pior se não tivesse trabalho."

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Mas vocês chegaram a questionar com ele sobre a festa e a maneira como vinha acontecendo?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. Eu falei: "Junior..."

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E o que ele falou para vocês?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Ele falou: "Gente, é trabalho, é trabalho, aguenta firme aí, é dinheiro que está entrando para vocês". Tanto que depois eu me revoltei. Quando ele esqueceu, eu me revoltei. Eu falei: "Junior... Ele alegou que não sabia: "Mas eu não sabia que vocês trabalhavam de bartender." Eu falei: "Como não sabia? Eu falei na segunda semana que nós estávamos cansadas, precisávamos dormir, comer, que não estávamos aguentando mais dormir 2 horas da manhã, acordar às 7 e trabalhar todas as noites". A gente não estava aguentando mais.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O.k., Sr. Presidente. Por hora, é só.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Obrigado, Deputado Paulo. Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Monique, é Junior ou Júlio.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Junior.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Junior.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Junior Pelicano.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você já verificou se o nome dele é esse mesmo ou é um... porque parece...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Quando eu cheguei aqui no Brasil...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Nome de guerra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nome de guerra. E pelicano é aquele que voa.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - ...todo mundo perguntou se eu não iria entrar com um processo contra ele. Ele intermediou a viagem. Ele apresentou a agência pra gente. Quando aconteceu tudo isso, ele abandonou e saiu fora, sem...



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Essa modelo que a apresentou, que tinha isto aqui, ela tinha já trabalhado para esse Junior Pelicano ou não?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Olha, ela viajou pra Itália por ele e ela detestou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Detestou.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Ela detestou porque ela falou que ele falou uma coisa e, quando chegou lá, ela falou que a casa não era nada do que ela esperava...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E você disse que se apresentou e fez uma série de fotos, que ele mandou...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso, pra várias agências.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você tem o endereço de onde é que foram feitas essas fotos?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Tenho. É porque, na verdade, agora... O escritório dele ficava no Itaim, em São Paulo, o Itaim Bibi, na Rua Soares de Barros, só que ele se mudou. Ele, inclusive, até me mandou um *e-mail* recentemente com o novo escritório dele, bem mais sofisticado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você poderia passar?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu acho que nós vamos ter que chamar essa figura para ouvir. Está bom?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Bem mais sofisticado o escritório dele agora. O que eu fiquei muito chateada é ele sabia das minhas condições. Quando eu fui conversar com ele me apresentei: *“Junior, eu sou assim, eu vim de uma família assim, eu já viajei pra fora, meus pais são assim, meu pai é motorista, minha mãe está lutando pra terminar uma faculdade agora, eu tenho um filho pequeno; então, eu não tenho casa, eu moro com meus pais; então, a minha situação é essa. Eu quero viajar pra ver se eu consigo comprar uma casa pra mim ou juntar o dinheiro que for para eu conseguir uma coisa pra mim”*. Eu deixei bem clara a minha situação pra ele. Ele, simplesmente, quando a bomba estourou, me deixou lá, não fez nada por mim, nem se importou. Como que eu iria voltar pro Brasil? Eu tive que pedir ajuda pra voltar pro Brasil.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Monique, todos aqueles que vieram aqui dizem que não têm empresa, que eles são olheiros. Ou seja, esse Junior Pelicano fez um contrato com você, pra você poder ir para a Índia?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Ele me apresentou o contrato enviado da agência de Nova Déli.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Inclusive, quando eu cheguei aqui no Brasil, eu pedi a uma advogada que minha mãe conhecia que analisasse o contrato pra mim. Ela até tentou procurar o nome dessa empresa em nome dele, e o nome da agência que constou... Hoje mesmo, que eu vou ligando as coisas, que eu vou vendo que tinha um monte de coisas erradas. O carimbo no contrato dele tem o nome de uma agência chamada L'Agence. A L'Agence era a agência em que eu era agenciada, fora dele. É uma agência de Portugal. O dono dessa agência mora em Lisboa. A filial dela é em Lisboa. Então, a minha advogada falou: *"Olha, nessa agência aqui não consta o nome dele, não tem nada dele, essa empresa aqui não é dele"*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você tem cópia desse contrato?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Tenho o *e-mail*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você pode passar pra Comissão?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Posso; posso, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Além disso, você disse que, chegando a Nova Déli, nas primeiras semanas, você trabalhou de graça.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - De graça?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ficou nessa casa da Sabrina?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você recebeu 40 rúpias, não é?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Eram 2 mil rúpias. Cada mil rúpias acho que vale 20 dólares. Eram 40 dólares por semana.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E mais, ou seja, as condições de moradia... Vocês viviam no meio de uma cachorrada, não é?



A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. Era uma casa grande, era uma casa grande.

(Não identificado) - Literalmente, uma cachorrada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É tanto que vocês não tinham... É tanto que não tinham nem a liberdade de ficar no quarto porque o quarto era invadido por pessoas...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. Inúmeras vezes, nós chegamos cansadas, de madrugada — aconteceu duas vezes isso comigo —, e, quando nós chegamos, os gatos estavam deitados em cada uma das camas. A minha cama, a cama da Deivy, e os gatos, cada gato em cima de uma cama, em cima do cobertor que nós dormíamos. Aquele mau cheiro, aquele mau cheiro, e o cobertor molhado. Como já estava tarde e muito frio, que lá estava um inverno cruel... Nós chegávamos cansadas e íamos direto dormir, porque sabíamos que no outro dia, às 7 da manhã, teríamos que levantar pra trabalhar de novo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Monique, você conheceu a Thelma lá ou a Thelma foi também com você?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não, a Thelma foi primeiro que eu. Eu a conheci através do Junior. Ele falou: *“Olha, a Thelma já está lá”*. Através da Internet, comecei a conversar com ela: *“E aí, como estão as coisas”*. E ela: *“Ah, trabalhando muito. Tem dia que a gente não dorme”*, ela falava.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você disse que começou a trabalhar nessa de modelo, com 13 anos foi para a Itália, foi bem tratada, bem recebida.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi através de uma agência também?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Foi através de uma agência. A primeira agência que me aceitou foi a BRM. Tenho contato com o dono da agência até hoje. É uma agência muito direita. Foram super-responsáveis, conversaram com meus pais: *“Olha, preciso de autorização para ela viajar. Está aqui o contrato. É assim, assim, assim”*. Meus pais foram até o juiz pedir autorização para que eu pudesse ir. Esclareceram tudo. Eu fui e voltei. O pessoal da agência, em Milão, também me acolheu, cuidou muito bem... Eu era menor, a única menor que tinha. As outras meninas eram todas maiores. Todos os meus trabalhos eram acompanhados.



Era trabalho de modelo. Eu fiz revistas. Eu fiz desfiles para marcas conhecidas, Dolce & Gabbana, Roberto Cavalli, que são superconhecidas em Milão. Então, eu não tive nenhum problema. Então, logo que chegou em Déli, que começou a acontecer essas coisas, eu achei estranho, porque...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí você... Depois que voltou da Itália, você disse que fez diversos trabalhos no Brasil?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Também para essa agência?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Quando voltei, eu fiquei um tempo... Eu tive filho, eu tive meu filho...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Eu fiquei um tempo trabalhando pela BRM. Depois eu parei. Saí da BRM e entrei na L'Agence, que é essa agência que a filial é em Lisboa. Fiquei na L'Agence, fazia trabalho por eles. Fazia desfiles, fazia fotos, figuração. Num teste que eu fiz para a L'Agence, para um desfile de *lingerie*, eu conheci essa modelo e ela falou: *"Olha, se você quer ir viajar, ir para outro país, vai no Junior Pelicano que eu tenho certeza que ele te manda para fora em uma semana"*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Você, no depoimento, fala que, além do assédio sexual e também de assédio moral, porque na realidade você tinha que trabalhar como escrava, porque era de 8...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...e depois ficava até de madrugada nas festas, que não estavam... Você também disse que sofreu diversas humilhações. Dentre as humilhações que você sofreu, qual aquela que você considera que lhe deixou indignada? Foi essa humilhação que fez você buscar o Consulado para dizer: *"Não aguento mais tanta humilhação"*?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim, é porque ela era muito grossa. Ela entrava de manhã no quarto e gritava, aos berros, e falava a todo tempo que nós estávamos gordas, que nós éramos horríveis, como que se trabalhava com as modelos gordas desse jeito e media a todo o tempo quadril, cintura. *"Como que vocês estão gordas, não dá, tem que emagrecer. Vocês não vão comer a partir de*



hoje". Ela falou: *"Olha, se eu pegar comendo, vocês vão embora"*. A ameaça dela era sempre essa: *"Vocês estão quebrando o contrato, têm que fazer o que estou mandando, senão vocês vão embora"*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E qual o sistema dela... O que é que significa... Se um modelo que deveria ter o peso...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Ela estipulou um peso para cada uma. Eu cheguei em Déli com 63 quilos. Eu tenho 1,80 metro...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO E você era considerada gorda com 53?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Gorda, com 63 quilos. Um metro e oitenta, 63 quilos é um peso abaixo do meu tamanho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Claro, claro.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - E ela disse: *"Olha, eu quero você com 60 quilos. Sessenta, para mim, está ótimo"*. A Deivy, inclusive, chegou a passar mal, porque ela botou na cabeça *"Eu vou emagrecer"*, e ela parou de comer. Ela ficou dois dias sem comer, até um dia que ela passou mal no quarto. Eu falei: *"Não, você não vai parar de comer, você vai ficar passando mal, trabalhando, recebendo o dinheiro que a gente ganha e você vai parar de comer por causa dela? Não!"*. Ela tinha o corpo perfeito.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E isso causou um trauma em você, porque, quando você chegou no Brasil, ficou um tempo...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É, eu fiquei. Até hoje, eu sou meio traumatizada em questão de comer. Eu como muito mal, alimento-me muito mal. É só salada. A questão do peso pegou muito, pesou muito, tanto para mim quanto para as outras meninas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Essa questão das festas era frequente?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Era frequente. Era casamento... Geralmente, o casamento dos indianos é... Eles colocavam... Algumas vezes, nós ficávamos... Íamos nós três. Aí tinha... Cada ponto da festa... Porque o casamento dos indianos é um lugar aberto, como se fosse um sítio e tinha um ponto com carrinho e várias bebidas, uísque, todo tipo de uísque, tequila, refrigerante, suco, gelo. Cada uma de nós ficava num ponto, junto com o garçom. Ficava o garçom e uma modelo. Aí o cliente chegava e falava: *"Eu quero uísque com soda, água e*



gelo". Aí o garçom ia fazer e ele: "*Não, eu quero que ela faça*". Várias vezes ele falava: "*Eu quero que ela faça*". Aí eu pegava o copo, preparava, entregava para ele e ele me agradecia, ia embora ou voltava. Tinha uns que chegavam e falavam: "*Você é de onde? Quantos anos você tem. Me dá seu telefone. Vamos sair*". Eu falava: "*Ah, não, não*", e desconversava, às vezes eu virava para o lado, disfarçava ou fingia que não estava entendendo. Eu falava: "*I'm sorry, eu não entendo*". Falava que eu não entendia e sempre dava um jeito de sair ou, na hora que eles apertavam demais, ficavam chegando muito perto, eu falava que ia no banheiro ou chegava próximo das meninas. Sempre dava um jeito de fugir.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na realidade, vocês faziam não apenas o trabalho de modelo fotográfica, mas vocês se tornaram como garçonetes ou *barman* também?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ou seja, na realidade, trabalhavam e não ganhavam nada por isso.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim, nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E também vocês, nos casamentos, parece que era para ficarem lá para que as pessoas ficassem olhando para vocês...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...para depois fazer propostas de assédio sexual.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. Nós íamos sempre com a mesma roupa. Era sempre um vestido curto, vermelho ou preto, de salto, bem maquiada. Sempre ficávamos paradas do lado da parte que tinha as bebidas...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Essa roupa era fornecida pela Sabrina?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Por ela. Ela que comprou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ela?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Ela. Inclusive, quando ela ia no *shopping*, ela levava sempre uma de nós, ia comprando as coisas e nós que carregávamos a sacola dela. Ela comprava, ia dando a sacola, ia em lojas boas, Zara, lojas de roupas de marca, comprava: "*Ai, gostei disso*". Comprava. Eu mesmo via várias vezes o dinheiro que ela recebia de um trabalho que a gente tinha feito, no



outro dia ela ia no salão, voltava com o cabelo enrolado. Ou quando eu ia com ela no *shopping*, acompanhava-a e ela falava: “*Vamos...*” Eu ia num *cash...* Porque a maioria dos testes que a gente tinha ela ia junto. Ela nos apresentava para o cliente: “*Essa é minha modelo*”. Ele olhava o *book*, entregava para a gente, ela conversava um pouco com ele e nós íamos embora. Aí, nesse caminho para casa, ela passava no *shopping*, entrava numa loja ou outra, comprava as coisas e ia dando a sacola para a gente carregar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Há uma informação aqui que eu gostaria... É verdade que, quando você retornou, quer dizer, seus pais não aceitaram a sua volta, achando que...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É, isso. No começo, meus pais acharam que eu estava com saudades, que eu estava inventando para voltar. Minha mãe falou assim: “*Você está perdendo a chance da sua vida. Como é que você vai voltar só por causa de saudade?*” Eu falei: “*Mãe, eu não estou com saudades*”. Eu não queria assustá-los...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - ...falar o que estava acontecendo, porque eu sabia que a minha mãe iria se desesperar. Então, eu falava: “*Olha, mãe, está assim...*” E ela: “*Aguenta firme, filha. Toma um remédio. Evita comer certas coisas, para não dar mais dor de barriga, faz isso*”. Depois que eu voltei, eles não acreditaram muito em mim, acharam que eu voltei porque quis. Eu até fiquei uns dias sem falar com minha mãe, porque... Até depois de eu explicar a situação, ir lá, conversar com meu pai, explicar o que aconteceu, eles estavam meio que sem saber ainda por que é que eu tinha voltado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Duas perguntas depois. Você... Depois nós podemos retornar. Primeiro, é que você foi e era todo o sonho de mudar de vida...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...de ganhar dinheiro, de voltar e cuidar dos... Porque o contrato era por seis meses, não é?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Seis meses. Eu fui em dezembro, estava previsto para... Meu visto ia vencer no dia 8 de junho.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Era visto de turista?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Visto de trabalho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Trabalho.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - O de turista são dois meses.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está. E aí o seu sonho virou um pesadelo?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E não só o delas, vários pesadelos.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você também, naquele momento em que voltou, não contou para a mãe ou para o seu pai logo esse pesadelo que aconteceu na sua vida?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não. Quando eu...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E quando é que você decidiu publicizar essa situação toda? Foi num depoimento ao Ministério Público? Como é que você...?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Então, quando começou a acontecer essas coisas lá em Déli, a princípio... Teve um dia que eu liguei para a minha mãe muito desesperada e falei para ela: *"Eu quero ir embora"*. Ela falou: *"Mas como que você vai vir embora? Por que você está assim?"* Eu falei: *"Mãe, chama a Globo, liga para a Globo, chama a imprensa"*. Eu mandei e-mail para o Itamaraty, pedindo socorro. Eu falava: *"Pelo amor de Deus, eu preciso socorro. A gente quer ir embora daqui"*. Até chegaram a responder para a gente o que estava acontecendo. Minha mãe ligou para o pessoal do Itamaraty: *"Minha filha está em tal país, está passando por alguma dificuldade, eu preciso que ela volte, alguém tem que ajudar ela voltar"*. Aí, quando eu voltei para o Brasil, eu procurei um trabalho, porque eu tive que procurar um trabalho para poder me manter, manter meu filho, manter a minha casa, porque eu pagava aluguel. Eu procurei um trabalho como recepcionista, e me ligaram falando: *"Olha, o pessoal do Itamaraty forneceu o seu telefone. Queremos fazer uma entrevista com você"*. Foi que eu decidi expor, porque eu também procurei uma advogada, para perguntar para ela quais eram os meus direitos, porque eu fiquei muito chateada com o fato de o Junior ter mandado nós duas para lá, ter



sumido e não ter ajudado em nada ou não ter nenhum pingão de consideração. A esperança que nós tínhamos de conseguir alguma coisa... Ele não se importou. Aí, quando eu cheguei, eu falei: *“Não, o que eu puder publicar isso, para as pessoas não caírem...”* Mesmo por ele também, para as outras modelos não confiarem, porque tem muita modelo ainda que trabalha para ele. Tem muita modelo que ainda viaja por ele, entendeu? Tem umas que são bem-sucedidas, que eu vejo que está trabalhando superbem. Eu não entendo, até hoje. No dia que ele tirou minhas fotos, que ele mandou minhas fotos para outras agências, ele me mostrou um *e-mail* com inúmeras agências, inúmeras, na Turquia, na China, em Nova Iorque, em Milão, que se interessaram por mim, falaram: *“Olha, muito bonita. Qual é a medida dela? Será que ela consegue perder peso, uns 2 quilos, até a semana que vem?”* E tantas agências que me chamou, e ele me mandou para essa. Ele falou: *“Olha, do jeito que você está agora...”* Porque a situação que eu estava, para eles, é que eu estava cheia. *“O único lugar que você vai trabalhar bem é na Índia. Que a Índia agora é um país comercial, você vai se dar bem lá. Vai para a Índia, que é um país que está dando dinheiro agora. Então, você vai conseguir ganhar bem. Você vai conseguir juntar o dinheiro que você quer, o que você precisa”.* Isso me animou, entendeu? Eu falei: *“Bom, então, é a esperança que tenho ainda, no fim do túnel, de ir para a Ásia”.* Outras agências tinham me chamado, e ele me mandou para lá. A Be One era uma agência minúscula. Ele falou assim: *“Olha, essa agência...”* Tinha até umas... Ele, às vezes, falava uma coisa, falava outra. Ele falou que a Be One era uma agência antiga. Aí, depois, ele falou: *“Olha, a agência está abrindo agora. Ela está pintando o escritório ainda, está pintando a casa que vocês vão morar”.* E, quando eu cheguei lá, não tinha escritório, não tinha nada, era só a casa. A casa era a agência. Não tinha um escritório da agência. A casa era a agência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E a última seria você... Foi você e a Thelma que procuraram a embaixada ou o consulado?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Então, eu liguei para o telefone da embaixada, o telefone de emergência...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tá. E o tratamento que vocês receberam lá?



A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Foi perfeito. Na mesma hora ele falou: *“Olha, tem como vocês darem um pulinho aqui, contar a história de vocês? Estão precisando de ajuda? Quer que chame a polícia agora? Quer que nós vamos buscar vocês?”* Eu falei: *“Não, não precisa. Só estou achando muito estranho, muito errada a situação que estamos vivendo”*. Eu falei para ele. *“Porque eu sou modelo, eu já viajei, e não é isso... à noite, não trabalho em bar, não trabalho como garçonne, servindo homens em festas privadas. Nunca fiz isso”*. Ele: *“Não, vem aqui, então, conta o que está acontecendo com vocês, e a gente vê o que pode... vai ajudar vocês”*. Nesse mesmo dia que nós fomos lá, a Sabrina ligou e fez um escândalo. Tratou supermal o Vice-Cônsul Daniel. Aí eles começaram a investigar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Muito obrigado. A Monique ficou de mandar a cópia do contrato, o endereço também desse Junior Pelicano, para que nós possamos fazer uma convocação do mesmo, porque parece que há ligação dele com outras agências, inclusive colocando o nome de uma agência que não...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Inclusive, nós tivemos não só apoio do consulado, como de um fotógrafo também. Com frequência fazíamos trabalhos para ele. Ele era um fotógrafo e trabalhava com a exposição de sáris, que é a roupa indiana, ou *lingeries*. Eu e a Thelma... A Thelma é a que mais trabalhava para ele. Todo dia ela fazia fotos para ele, para publicar em *sites*. Inclusive, ele que nos ajudou muito também, no momento que nós... Nós não tínhamos dinheiro para comer mais, tinha acabado o dinheiro. Estávamos vivendo... Antes de a gente conseguir sair de casa, ele que ajudou. Ele foi até o consulado, falou para o pessoal que estava disposto a ajudar no que precisasse, se precisasse de moradia, se precisasse de qualquer coisa, ele estava disposto a ajudar a gente. Nós contamos o caso para ele. Ele chegou a falar para o pessoal do consulado que ela realmente era uma mulher difícil, que já tinha tido outros casos também de maus-tratos de outras modelos. E ele nos ajudou muito, esse fotógrafo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Obrigado, Deputado Luiz.

Eu queria só complementar algumas coisas, lhe perguntar o seguinte: você é paulista?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sou paulista.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - De onde?



A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Nasci em São Paulo mesmo. Na Capital.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - São Paulo.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você disse que começou a sua carreira de modelo aos 13 anos.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Como é que se começa uma... No seu caso, como é que começou essa carreira de modelo aos 13 anos? Essa iniciação, como é que se processa?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Então, eu sempre tive o sonho, desde pequena. Eu era muito magrinha e todo mundo falava: "*Ah, você podia ser modelo*". E aí eu fui pesquisando na Internet as agências, e minha mãe sempre me acompanhava, porque, várias vezes, a gente caiu em agências que "*ah, você tem que pagar tanto, você tem que pagar isso para poder trabalhar*", e a gente acabava caindo em golpe. E um dia eu encontrei uma agência, marquei uma entrevista e fui à BRM, que é a agência em que eu comecei a trabalhar; me apresentei, e eles...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Essa agência é em São Paulo?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É em São Paulo, a BRM. E eles gostaram de mim, e eu fiz o meu *book* pela primeira vez.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quem é o responsável por essa agência?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É o Manoel Borelli.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Manoel Borelli.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Borelli, isso. E aí eu comecei a fazer trabalho pra eles, fazendo fotos, fiz desfiles, fiz um trabalho, fiz trabalho para Niely, trabalho de cabelo, trabalhava superbem para eles. Minha mãe sempre acompanhava, sempre estava junto, tudo o que tinha a minha mãe levava. E aí, quando eu fiz 14 anos, o Borelli me disse que uma agência na Itália tinha se interessado por mim, que é a Das Models...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Nessa época, você estudava?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Estudava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E continuou estudando?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Continuei. Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E fazendo esses trabalhos através do Borelli, nessa agência BRM?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Quando eu voltei, como eu tinha parado esses meses pra viajar, eu fiz as provas que a escola pediu, apresentei trabalhos pra não perder o ano. E fazia trabalhos... O Borelli sempre falava com os meus pais, sendo explicava, sempre pagava os meus cachês direitinho: “*Você vai ganhar tanto*”, e depois de 30 dias estava na minha conta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Isso no Brasil.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - No Brasil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E esses trabalhos, só assim *grosso modo*, rendiam mais ou menos quanto em termos de valor monetário?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Olha, não era muito...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Em média?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Um que eu fiz mais caro, que foi o trabalho assim — eu tinha acabado de começar a modelar —, que me ajudou muito, foi o da Niely, que foram 8 mil reais pra fazer a tinta de cabelo, pra fazer aquelas caixinhas de tinta. Foram 8 mil. E, na época, a minha mãe, o meu pai era motorista, a minha mãe era copeira, então ajudou muito. Foram 5 mil livres meus. Foram 5 mil reais líquidos que sobraram pra mim, e eu consegui comprar roupa pra minha mãe, para as minhas irmãs, pra mim mesma, pra poder trabalhar, consegui ajudar meus pais. O resto dos outros trabalhos às vezes era 500 reais, 700... Eram desfiles, fiz várias revistas também — o que era até bom para o meu *book* —, de cabelo, revistas conhecidas, *Todateen*, revistas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quantos irmãos vocês...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Oi?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quantos irmãos vocês são?



A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Comigo, são quatro mulheres, todas meninas. Somos quatro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não tem nenhum homem.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Nenhum homem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E você é...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Eu sou a mais velha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A mais velha das quatro. E, portanto, então, era uma renda familiar importante.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Importante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Para suprir.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - E fora o orgulho da minha família, porque a minha família é muito simples, então só...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim. Até que você foi pra Itália nesse trabalho com o Borelli?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. Inclusive eu fiz 15 anos lá em Milão. A minha festa de 15 anos foi lá, o pessoal da agência fez uma festinha pra mim, todo mundo... Tinha bastante brasileiras...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E, lá em Milão, você ganhou... Quer dizer, você ganhava aqui em média 700, 500, mil, salvo esse trabalho de que você falou de 8 mil, que foi o mais... Mas não era a média, esse foi uma coisa excepcional...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. Esse foi uma exceção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E, lá na Itália, isso mudou pra que padrão de rendimento?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Lá na Itália... Porque é assim: geralmente, quando você vai, quando você vai para lá, não é nada assim de graça, você tem que, tem o aluguel de onde você vai morar, tem a sua condução. Só que assim: em nenhum momento eles falavam: *“Olha, se você não trabalhar, não pagar a sua dívida, você não vai embora”*. Se você não pagasse, você ia embora normal. Deu o seu prazo de ficar lá e você não conseguiu ganhar o suficiente pra você pagar o que você precisava pagar, você podia ir embora normal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - É um contrato de risco.



A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. É um contrato de risco deles. Eu fui, fiquei... Eu fui duas vezes: eu fiquei 2 meses da primeira vez e fiquei 2 meses e meio da segunda vez. E fiz bastante trabalho, trabalhei bem, fiz bastante *showroom*... *Showroom* é você trabalhar em lojas: você prova a roupa — que nem eu fiz pro Roberto Cavalli, fiz pro Armani —, você provava a roupa, e o cliente vem, a mulher vem — geralmente são mulheres — e vê como que está a roupa pra ajustar em você. Era o trabalho que pagava melhor, que era pago por dia, eram tantos mil euros, pagando por dia. E, lá, eles davam um *pocket money*, que é o nosso dinheiro semanal, de acordo com o que a gente precisava, nunca faltava dinheiro: “*Você vai ganhar tantos euros por semana...*”. E, sempre que precisava... O lugar em que eu morei era um apartamento, com muito conforto, era muito aconchegante. A dona da agência era a Eliana, que era brasileira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Dessa BRM?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não, da Das em Milão. Era a dona brasileira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quer dizer, a BR... Deixe-me só entender: você se apresentou aqui pra BRM, e ela conseguiu esse contrato na Itália, e lá...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Na verdade, essa agência aqui apenas te jogava numa outra agência lá.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É uma agência-mãe, como eles falam. A minha agência-mãe era a BRM.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Era a BRM.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Essa BRM tem personalidade jurídica, é uma empresa constituída com CNPJ, com tudo?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. É conhecida, sim. A BRM é conhecida, sim, em São Paulo. O Borelli é bem conhecido. Ele também tem bastantes modelos fora do País, inclusive ele tem até modelos famosas também, acho que duas são atrizes, que conseguiram virar atrizes — eu não me lembro do nome delas. O Borelli é superdireito.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Esse contrato você assinou, seus pais assinaram?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Meu pai assinou, meu pai quis saber todos os detalhes... Como essa vez agora, que eu fui para a Índia, eu já era maior, o meu pai não interferiu tanto; da outra vez, meu pai quis saber de tudo, levou em cartório, levou pro juiz autorizar a minha viagem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E, nesse contrato que você fez com a BRM, como era? A BRM ganhava quanto, você ganhava quanto e a agência ganhava quanto? Como era a divisão desse bolo?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Então, a divisão era... Acho que eram 10% da BRM, 60% eram meus, se eu não me engano, e o resto era da outra agência. Não, eram 50% meus, 40% da outra agência e 10% da BRN.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Cinquenta por cento da modelo...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Da modelo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...que era você...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...40% da agência lá de fora, da agência lá de Milão...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. E 10% da agência-mãe, que é a BRM. Com o Junior Pelicano, acho que era a mesma coisa: eram 50% meus, 10% dele e 40% da Be One.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Pois bem, e aí você fez essas duas... E aí você engravidou na Itália?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não, não. No Brasil mesmo. Eu voltei... Depois que eu voltei da Itália que eu conheci o pai do meu filho. Aí fiquei casada com ele... Me separei tem... Me separei recentemente, foi este ano.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim. Aí você, quando voltou da Itália... O seu filho tem quantos anos?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Cinco anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Cinco anos hoje. Você voltou da Itália e voltou a trabalhar aqui.



A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Na BRM.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Na BRM, aqui.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E aí passou um período afastada por conta da gravidez.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Da gravidez. Quando eu voltei, o meu filho tinha 8 meses. Eu voltei a trabalhar de novo pela BRM. Quando o meu filho tinha 8 meses, eu comecei a fazer trabalho pra eles de novo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim, agora eu lhe pergunto o seguinte: se a BRM já era uma empresa que estava lhe dando um nível de satisfação razoável, bom, positivo — você já fez dois trabalhos, e aqui fez referências elogiosas à BRM —, o que te fez mudar pra um salto no escuro, pra uma empresa desse Junior Pelicano, esse *scouter*, quando você já tinha uma relação, vamos dizer, bem-sucedida para as suas expectativas na BRM?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Então, eu fiquei bastante tempo na BRM. Eu saí da BRM mesmo quando eu tinha, ia fazer 17 anos... E, assim, conforme foram entrando outras modelos, meninas novinhas... Assim, eu já era mãe — você vai perdendo um pouco de espaço na agência. E eu, assim, eu nunca fui de dizer não para nenhum trabalho. Quando o Borelli me ligava — *“Olha, tem um trabalho, um desfile beneficente, você vai e faz para mim?”* —, para não perder outros trabalhos... Porque, se você não vai a um trabalho beneficente, eles pensam que você está com má vontade e, quando tem um trabalho bom, eles não mandam você. Ou quando tem um teste. Por exemplo, vai fazer um teste pra L’Oreal: são 12 mil reais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mais interessante economicamente.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Eles não mandam, porque você não quer fazer de graça, só quer fazer trabalho bom. Então, minha mãe falava assim: *“Poxa, você quer ganhar dinheiro e só mandam você pra trabalho de graça, ou pra trabalho que paga 60 reais...”*. E, se o trabalho é 60 reais, tirando os 36% da agência, fica quase nada pra você: não compensa você sair de casa, gastar condução. Às vezes é um trabalho, um desfile de dia inteiro, e aí você fica lá o dia



todo pra ganhar 30 reais. Aí eu comecei a falar: *Olha, Borelli, eu vou a tal trabalho*". Às vezes, eu recusava um, recusava outro. Quando eu vi que foram chegando outras meninas, foram tendo mais preferência, eu entrei na L'Agence, que era a agência lá na Oscar Freire, lá em São Paulo, uma agência também bem conhecida — a filial dela é em Lisboa, a outra, em Curitiba, e tinha essa em São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - L'Agence?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - L'Agence. Isso. Eu entrei na L'Agence. Inclusive, quem me levou para lá foi uma *booker* que trabalhava com o Borelli, a Cris. Ela foi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Essa L'Agence não é a do Junior?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não é do Junior. A Cris foi pra essa agência L'Agence e, como ela viu que eu estava trabalhando muito pouco — que ela acreditava em mim —, ela me levou para L'Agence junto com ela. Fiz trabalhos pela L'Agence também, bastantes trabalhos; fiz desfiles beneficentes também, mas que saíram na mídia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Isso já por volta dos 17, 18 anos.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Depois que você tinha saído da BRM.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não, quando eu estava... Isso, com 19 já.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Dezenove. Tá.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso, com 19. E fiquei na L'Agence uns 2 anos por eles, fazendo trabalho por eles.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Hum, hum.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - E, num dia em que a L'Agence me mandou pra um teste, pra um desfile de *lingerie*, eu conheci uma modelo lá — eu não me lembro do nome dela. Eu conheci ela, e ela falou: "*Você quer viajar?*". Eu falei: "*É o que eu mais quero agora, porque eu não estou trabalhando bem aqui no Brasil*". Fazer trabalho pra fazer trabalho de graça ou fazer só teste... Porque você



vai para o teste, o teste é longe pra caramba, você paga ônibus, paga metrô e gasta dinheiro e não pega o trabalho. Eu falei: *“É complicado ficar gastando assim. Eu preciso trabalhar”*. Ela falou: *“Então vai ao Junior Pelicano que ele a manda pra fora em uma semana. Comigo foi assim. Ele me mandou pra fora em uma semana, eu fui para Milão”*. Só que, até então, ela não tinha me falado que ela não tinha gostado do jeito que ela foi tratada lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Hum, hum.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Porque, depois, eu fiquei sabendo. Ela falou: *“Eu fiquei lá 1 mês. Eu não gostei. Ele me falou que o lugar era assim, assim, assim. Quando eu cheguei, era um porão a casa onde eu morava”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O nome da agência do Junior Pelicano, tem? Não, ele é só conhecido...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É conhecida como Junior Pelicano só.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não tem agência. É só ele que opera.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Só ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Portanto, esse contrato que você fez com ele já pra ir para Índia... A agência dele não tem uma personalidade jurídica própria.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não tem, porque, até a advogada que eu pedi pra ela verificar para mim o contrato, ela deu uma olhada, tem o nome dele, Junior Pelicano...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Se você abrir o *site*, está lá: *“Junior Pelicano, agência de modelos”*. É isso? Não?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Como é que eu tenho acesso a essa grife “Junior Pelicano”?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Se você colocar no Google “Junior Pelicano”, vão aparecer os dados dele, o local de agência dele agora. É mais conhecido como Scouter Junior Pelicano. Se você procurar por “Junior Pelicano”, já vai aparecer.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas não é uma empresa?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não. Ele é um *scouter*. É um escritório dele, entendeu? Tanto que eu fiquei surpresa que, no contrato de ida para Deli, o carimbo que tem da parte da empresa dele é em nome da L'Agence.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Hum, hum.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - E ele não tem nenhuma ligação com a L'Agence. Ele não tem nenhuma ligação com a L'Agence. Tanto que a advogada achou estranho. Ela falou: "*Nossa, ele não tem nenhum...*".

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Aparece como L'Agence?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso, L'Agence. (*Pausa.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - É este aqui?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É esse mesmo. É ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Já agenciou mais de 1500 modelos.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Ele usa bastantes nomes de modelos famosas. Eu não sei se é verdade que ele já agenciou modelos famosas. Isso, eu não sei. (*Pausa.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E, nesse contrato, assinaram você, ele...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso, tinha a assinatura dele, a assinatura do Chirag, que ele falou que era o dono da agência...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Chirag era o nome da agência lá de...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Do dono da agência. Chirag. Ele só falava, a gente só conhecia como Chirag.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Da agência da Índia.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Era o responsável pela agência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E o nome dessa agência lá?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Be One.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Be One.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso, Be One. (*Pausa.*)



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - É “b” de bola e *one*?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É “b”, “e”.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - “B”, “e”.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É, *be*, de “ser”, “estar”, *one*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - *Be One*.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Tá. Esse era o nome da agência indiana.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Os três assinaram: você, como modelo; ele, como agência-mãe, que é conhecida...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...e essa agência lá da Índia...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...onde estabeleciam todas aquelas regras a que você já fez referência aqui pra nós.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Hum, hum. (*Pausa.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E aí, eu pergunto pra você o seguinte: por que a escolha da Índia? Por que a Índia? Ele que sugeriu a Índia?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Ele que sugeriu. Ele que sugeriu. É...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você disse que viu vários...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Vários países.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Várias ofertas.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim, vi vários *e-mails* de Nova York, vi até de outros lugares da Ásia, vi Turquia, vi os países da Europa. Ele até falou: “*Olha, não vai pra a Europa, por causa da crise. Turquia não está muito bem*”.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E o que que ele justificou na Índia? Por que a opção pela Índia?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Na Índia, ele justificou que estava num país que estava no auge agora pra trabalhar na parte comercial, e que eu



ganharia dinheiro. Ele falou: *“A Índia agora é o lugar do dinheiro. Você, indo para a Índia... Você é morena, eles vão gostar do seu perfil, e você vai trabalhar bem lá”*. Aí eu falei: *“Tem certeza?”*. Ele falou assim: *“Pode ir que você vai ganhar dinheiro lá”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Aí você negociou isso tudo com os seus pais, essa possibilidade de ir e tal.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso, eu conversei com meus pais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você morava com eles nessa época?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso, morava com eles. Eu, mesmo casada... Morava todo mundo, morávamos juntos: eu, meu pai, meu esposo, minha mãe, meu filho e minhas irmãs.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Certo. E os seus pais, evidentemente, concordaram, fizeram...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E, chegando lá na Índia, esse cidadão que ele colocou no contrato como sendo o responsável pela Be One, como é o nome dele?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Então, nós não chegamos a conhecer o dono.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas ele...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - A Sabrina...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...apresentou no contrato, na relação contratual, a relação contratual para você era: você, o Junior...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - O Chirag.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...e o Chiraque.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Chirag, que era o nome...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Chirag. Você sabe como é que...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Pelo que estava escrito lá, acho que era “c”, “h”, “i”, “r”, “a”, “g”: Chirag.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - “C”, “h”, “i”, “r”, “a”, “g”.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Chirag.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Da Be One.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Era o nome que estava assinado por ele. Era Chirag. E, quando eu cheguei lá, eu conheci a Sabrina. Pelo que a Thelma, as meninas falavam, ela era a *booker*. Toda agência tem uma *booker*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você chegou lá, e a Sabrina foi te recepcionar?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não, ela mandou um motorista me buscar no aeroporto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Motorista te buscar. Então, ela se apresentou como representante do Chirag.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. Ela era a *booker*, que, no caso, tomaria conta das modelos, levaria para os testes, apresentaria para os clientes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Era uma espécie de gerente do Chirag.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso mesmo. Isso mesmo. Então, nós não... Eu não conheci o Chirag. Então, depois... Quando chegou uma semana que eu estava lá, ela falou: "*Nós vamos a uma festa hoje. Eu vou apresentar pra vocês o Abhishek e a Anca, que são os donos da Be One*". A Anca é uma francesa também, que é casada com o Abhishek, que é indiano.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Que eram os donos da Be One.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. São os donos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Esse Chirag não existiu nunca.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você nunca... Talvez fosse um nome de fantasia, uma coisa...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Isso, porque, que eu saiba, o nome dele é Abhishek Verma. Ele é conhecido. Se você procurar na Internet Abhishek Verma, vão ver coisas dele. E eu falava: "*De onde que vem Chirag?*". Não sei de onde que é o Chirag.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Eram a mesma pessoa?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não sei. Nunca conheci. Aí, nesse dia, ela falou...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Na verdade, a Sabrina, Anne Sabrina...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...que era uma espécie de gerente, em nome desse Chirag, dono da... Na verdade, ela te apresentou como os donos o Chirag...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - O Abhishek.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O Abhishek. Como é que escreve? Você sabe?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - "A", "b", "s", "h", "e", "c". Não, "h", "e", "k". "A", "b", "s", "h", "e", "k".

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - "A", "b", "s", "h", "e", "k": "Abshek".

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - "Abshek" Verma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Verma?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso, Verma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E quem mais?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - E a Anca, que eu só conheci como Anca, que é a mulher dele. É francesa também. Só por Anca que eu conhecia ela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Esses foram apresentados pela Sabrina como os donos da Be One.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - A Anca...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E, aqui, o Junior Pelicano já te disse que era o Chirag.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Chirag. E a Anca, não a conheci pessoalmente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim.



A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Só por fotos e pelo telefone, que eu vi a Sabrina conversando com ela. Agora, ao Abhishek eu fui apresentada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você chegou a fazer contato lá na Índia com Vivek, não?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Vivek?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não. De uma outra agência?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Nunca soube?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não. Nunca fiz...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Nunca...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Inclusive, ela até alegou isso, que nós estaríamos tentando ir pra outra agência lá em Deli, sendo que, como é um contrato de trabalho, não teríamos como entrar em contato com outra agência ou trabalhar em outra agência, pelo visto. Não tinha como.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você teve contato com outras modelos de outras agências lá?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Tive. Tive sim, com a Amanda Guerreiro, que inclusive foi pelo Junior Pelicano, e ela ficou em outra agência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você chegou a ter contato com a Ludmila Verri, não?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não. Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Nunca soube?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não. A Amanda Guerreiro, essa que eu conheci, o Junior que mandou ela pra lá também, pra Nova Deli. Ela ficou em outra agência; ela ficou 6 meses também; ela trabalhou bem. Ela ficou 6 meses e voltou para o Brasil. Ela foi através dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Tá. Quando você foi assinar esse contrato, você teve algum advogado que... Porque você fez referência ainda a você consultando os advogados depois do leite derramado, vamos dizer assim.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Eu digo antes. Os seus pais, você, quando vão fazer um contrato onde tem uma pessoa que você nunca viu — esse suposto Chirag, o Junior Pelicano, que era um sujeito meio duvidoso —, você vai assim para um trabalho desses sem ter o cuidado de saber se esse contrato lhe dá algumas garantias? Você chegou a ter esse tipo de cuidado ou isso é uma coisa, pelas regras dessas relações no mercado de modelo, meio formais e que não são muito consideradas? Como é que funciona esse mercado, essa lógica do mercado de trabalho dessas agências de modelo? Esse negócio dos contratos é mais *pro forma* e o que vale é o conhecimento? Como é que está isso?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. Tem muita modelo que vai, às vezes não lê o contrato, e vai pela oportunidade de conhecer outro país ou na esperança de ganhar dinheiro, de mudar de vida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É meio que justamente o que está se passando na novela agora. É o que está acontecendo na novela agora: a esperança de conseguir alguma coisa, de ter uma casa. A pessoa te apresenta um contrato, fala que está tudo direitinho, te dá aquela esperança, fala coisas pra você, você vai. E, assim, eu tentei, pelo Google Tradutor, tentei traduzir o contrato, mas não consegui. Não consegui traduzir o contrato. Li algumas coisas que eu entendi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você não consultou nenhum advogado.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não consultei nenhum advogado. E falei para o Junior: *“Olha, eu preciso que você me explique o que está passando no contrato pra eu entender”*. Ele: *“Ah, isso aqui...É todo contrato comum...”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você assiste à novela que está passando?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Assisto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Assiste?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Assisto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Até porque...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quer dizer, o Junior Pelicano seria que personagem na novela?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Olha, é aquela moça que está levando a Morena. (*Risos.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A Morena.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É. (*Risos.*) Aquela moça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Aliás, a Morena tem um filho também.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Está na mesma... É a Morena está... É assim, eu, quando eu viajei, eu deixei meu esposo no Brasil, deixei... Eu dei a preferência toda para a minha carreira, porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - ...eu sempre lutei por isso. Quando ele me conheceu — o meu ex-marido —, quando ele me conheceu, eu já era modelo. Então, quando apareceu a oportunidade, eu falei: “*Não, eu vou. Se você gosta, você espera*”. Então, meio que agindo...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A diferença sua pra Morena é que você já tinha uma experiência de modelo e ela não, no caso.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Ela não. Isso. Assim, eu não sei se o Junior agiu de má-fé. Eu fico me perguntando se ele agiu de má-fé, se ele sabia que essa agência não era direita, se ele sabia que o contrato era... Ele já está no ramo há tempo. Então, eu acho que não era... Eu acho que foi de má-fé, porque ele sabia se aquele contrato era certo ou não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Tá. Por fim, Monique, eu queria saber: você, numa entrevista dada logo depois do seu retorno, mais ou menos em julho, agosto, você falou dessa dificuldade com a sua família, que eles teriam... Até você já explicou, pelo fato de não ter revelado em detalhes o constrangimento passado, para evitar as preocupações dos familiares etc.. e tal, eles ficaram mais ou menos tendo a impressão de que era um pouco de corpo mole seu...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. Isso mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...de comodidade...



A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso, que eu estava com saudade...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Fragilizada, saudade...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...resolveu jogar a toalha e voltar.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Voltar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Até porque eles talvez apostassem muito na sua carreira...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...até porque você era um pouco a âncora...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...da sustentação da renda familiar.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - A família toda sempre...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - É normal que isso aconteça. E você disse também que tinha perdido o contato com o Junior.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você tentou... Você acha que o Junior, você perdeu o contato com o Junior porque ele mudou os endereços, ele mudou...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não. Eu não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...por conta da sua denúncia?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Foi uma forma de ele se proteger diante de uma possível investigação?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Bem, eu não sei. Ele sumiu lá em Deli. Antes de eu voltar para o Brasil, ele já não tinha mais falado comigo. Quando eu voltei, eu também não falei com ele. E agora, nesses tempos atrás, que eu soube que ele mudou de escritório porque eu não sei se, ao encaminhar o *e-mail* para



todas as modelos — o meu *e-mail* estava junto —, chegou para mim o *e-mail* dele e, como ele mudou de escritório, está situado em tal endereço, tem foto do novo escritório dele, é maior.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Em São Paulo?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso, em São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E você, quando voltou, foi trabalhar de recepcionista, parece?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Eu fui trabalhar próximo do Aeroporto de Congonhas, lá em São Paulo, numa transportadora de cargas. Eu fiquei trabalhando lá 7 meses.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E agora você está na Bahia?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Aí eu saí...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Seus pais foram para a Bahia?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Eu me separei do meu ex-marido, não é, este ano, e eu saí de lá e fui morar com meus pais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Que providências você considera que deveriam ser tomadas no sentido de corrigir essa situação, ou de evitar que situações dessa natureza possam se reproduzir, vitimando outras meninas, outras modelos como você, que vão motivadas pela...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Pelo sonho, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...pelo sonho e pela ilusão da fama, do sucesso, da carreira, de se firmar financeiramente, de buscar uma estabilidade, e que acabam vivendo situações constrangedoras como esta, não só do ponto de vista pessoal, mas do ponto de vista do assédio. Você acha que outras modelos — não foi o seu caso, porque você pediu providências ao Consulado, e o Consulado te amparou, e você conseguiu romper com isso —, mas você considera — eu queria te ouvir sobre isso, não pela tua experiência, que já foi aqui relatada em detalhes, mas de outras situações de meninas e modelos como você que acabam, por conta dessa condição de vulnerabilidade não só econômica, por conta dessas promessas, quer dizer, uma pessoa que vai lá para receber 2.100 dólares por mês e



recebe 160 dólares é uma diferença brutal... Essa condição de vulnerabilidade econômica, num país sem que você domine a língua, com uma cultura diferente, com uma forma de ver as mulheres, principalmente latinas ou outras, diferente, com mulheres mais fáceis para um programa...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...para satisfazer os seus encantos, sei lá, você..., e vulnerabilidades socioafetivas também, porque você está lá sozinha, longe do teu filho, longe dos teus pais, longe do teu marido, longe das tuas afetividades, sem um grupo social sólido, eu imagino, muito instável, você acha que isso é uma presa fácil para o mercado da prostituição de luxo? Você tem exemplos de outras modelos que, ao contrário de você, não conseguem resistir, ou se resignar, ou contestar isso, procurar o Consulado e não aceitar e acabam, digamos, pela necessidade...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - ...pela fragilidade, caindo na rede, nessa rede de programas, até por necessidade, talvez.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim. Muitas são de famílias simples, outras, não. Eu já conheci modelos que vão e acabam que... ou fazem programa, ou saem porque querem mesmo. Umas fazem pelo medo de voltar para o Brasil e não conseguir viajar mais, medo de... A gente pensa assim: *“Bem, se eu voltar agora, até eu conseguir outra viagem, vai demorar e, se eu não conseguir, eu tenho que ficar aqui; a oportunidade que eu tenho é essa, de conseguir ficar aqui...”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Vale a pena o sacrifício?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É. Umas falam que vale a pena o sacrifício: *“Vou ficar, porque, se eu for embora, eu não vou mais...”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Se submeter a tudo isso, na expectativa de que dê certo.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - De que dê certo. *“Nem que eu tenha que...”*. Umas eu conheço, porque eu sou muito frágil, vou pela emoção. Eu não consigo, mas eu conheço meninas que, pelo medo de voltar, vai pensar: *“Poxa, o que meus pais vão pensar?”*. Ou *“Meu filho precisa de mim”*. Tem umas que têm filho ou *“Preciso ajudar minha família, meus pais; tenho medo de voltar e não*



conseguir ganhar dinheiro, ou não conseguir viajar mais, ou pelo que as pessoas vão pensar, o desgosto, já estou aqui mesmo; então, vamos apostar”.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - *“Eu já estou aqui mesmo. Então, vamos apostar”.* E que providências? Foi a outra pergunta, para finalizar. Que providências você acha, para evitar situações dessa natureza ou para corrigir, vamos dizer, os danos morais e financeiros que você acabou tendo que sofrer por conta...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Eu lutei muito para receber pelo menos o que eu trabalhei, porque, como eu falei depois que conversei com meus pais, eu trabalhei muito, nós trabalhamos muito, nós três. Passamos sono, fome. Eu falei que era direito nosso receber pelo menos o que a gente trabalhou. Entendeu? Eu falei para o Daniel, o Vice-Cônsul que nos ajudou: *“Nós queremos o que nós trabalhamos. Nós não queremos mais nada. Então, mesmo que dê um processo pelo que nós sofremos, danos morais, nós queremos o que é nosso de direito, pelo menos a passagem de volta.”* Porque ela tinha cancelado a passagem de volta. Nós estávamos sem tíquetes para voltar, e o que nós trabalhamos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A passagem, quem bancou foi o Consulado?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Foi a agência. A minha passagem... Um empresário que eu fiz uma exposição para ele, eu, a Thelma e a Deivy, com a ajuda do Consulado. Eu pedi ajuda para ele para eu ir embora. Ele pagou minha passagem. Ele comprou a passagem, foi ao Consulado, falou que se sensibilizou com a minha história, iria me ajudar e me deu a passagem de volta para o Brasil. A Telma, no caso, a mãe dela conseguiu comprar, e para mim a passagem foi doada mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O.k. Eu lhe agradeço pelas informações.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Pois não, Deputado.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Eu queria somente indagar aqui. Essa Sabrina, que era a responsável por vocês lá... Eu entendi que ela não morava na casa onde vocês estavam. Não é isso?



A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Morava, morava.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Morava? E havia outros empregados, você disse?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Havia.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quantos empregados mais havia na casa?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Eles eram do Nepal. Era um casal que tinha um bebê, um menininho.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Também moravam lá?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Moravam lá, e uma moça que eu não sei se era irmã de um dos dois do casal e mais um senhor. Era um senhor que ficava, a maior parte do tempo, lá fora, numa cabinezinha que tinha do lado de fora da casa.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Tipo um vigia ou alguma coisa assim.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Tipo um vigia. Era um senhor. Era esse casal, com esse menininho. Era um bebê. Ele tinha um aninho, mais a Didi, como ela tratava a moça, que fazia tudo. Ela vivia aos berros com essa...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Além do quarto de vocês, pelo que eu entendi, as três ficavam juntas no mesmo quarto.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Quando eu cheguei, a Thelma ficava num quarto só para ela, e eu e a Deivy ficávamos no outro quarto. Passaram alguns dias que eu cheguei, ela passou a Thelma para o mesmo quarto, e ficaram as três no mesmo quarto.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Havia mais algumas modelos de outros países, ou só vocês três?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não. Só nós três.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Então, todo esse pessoal, a Sabrina e todos esses empregados da casa estavam trabalhando para poder servir vocês, hipoteticamente falando. Era isso?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não. Os empregados, a única coisa que eles faziam era a roupa que a gente dava para eles lavarem. Comida,



cada uma tinha que fazer a sua. Eles só cozinhavam para a Sabrina. Só cozinhavam para ela.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Então, era uma casa da Sabrina?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Era a casa dela. Isso. O quarto dela era bem luxuoso, a cama. Tinha uma sala. Todo dia ela trazia uma coisa diferente, televisão, tinha sofá, tinha objetos que ela comprava.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Era no mesmo piso onde estava o quarto de vocês ou não, era em outro piso?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Era. Entrando na casa tinha uma sala. Ela montou a sala, que ficou bem confortável. Tinha um quarto que a Thelma dormia, a cozinha e, subindo as escadas, tinha o quarto da Sabrina, que era logo no fim da escada, o nosso quarto e um outro quarto vago ao lado, que ficava fechado, vazio.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Certo. Como esse pessoal invadia o quarto de vocês? Você disse, por mais de uma vez, que alguns homens invadiram o quarto de vocês. Como esses homens invadiram? Como eles entraram na casa?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - A primeira vez mesmo foi quando os dois fotógrafos foram lá. A outra vez foi em outra cidade, que foi o cliente que nos levou para fazer o desfile.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ah! Então, não foi lá na casa da Sabrina?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não. Foi a última vez, quando nós queríamos ir embora. Ela botou os dois fotógrafos e fechou a porta do quarto. Eles ficaram lá dentro. Uma olhou para a cara da outra, e ele começou a falar: *“Por que vocês vão embora? Por que vocês não ficam aqui?”* E sentaram na cama, foram chegando perto. Eu falei: *“Thelma, eu vou chamar a polícia”*. Na hora, eu peguei o celular, liguei para o Consulado e falei para o Daniel chamar a polícia porque havia dois homens dentro do quarto e que não queriam deixar a gente ir embora. Aí a polícia chegou, subiu até o quarto, pediu que nós arrumássemos a mala...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Então, lá na casa da Sabrina, foi a única vez que o quarto de vocês foi invadido por esses fotógrafos? Somente isso?



A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Foram dois homens. Da outra vez, foi em outra cidade. Foi cliente que entrou com mais dois homens dentro do quarto em que estávamos.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O que você está dizendo que era cliente? Cliente era a pessoa que contratou vocês para tirar foto, uma empresa?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Isso mesmo. Ela tratava como cliente.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Aí vocês tiveram que dormir lá nessa cidade?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Nessa cidade, nesse hotel.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O que era? Era um hotel?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Era um hotel.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Aí esses caras invadiram o quarto de vocês...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Nós não trancamos a porta. Fechamos a porta, e eles entraram no quarto, porque, até então, a gente nunca sabia o que ia acontecer. *"Você tem um trabalho, vai."* Nós não sabíamos se era uma festa, se era...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ah! Então, foi antes de vocês fazerem alguma coisa que eles invadiram o quarto ou vocês já tinham feito algum tipo de trabalho?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Nós não tínhamos feito nada. Nós chegamos ao local e ficamos no quarto. Na hora que chegamos, já trocamos de roupa.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - As três?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Por ser tarde, a gente imaginou: vamos dormir. Começou cada uma a falar com sua família. Eu falando com a minha, a Thelma com a mãe dela, a Deivy com a mãe dela, e eles entraram no quarto e se sentaram. Trouxeram uma garrafa de bebida e se sentaram no quarto. Eu estava no computador com a minha mãe. Ela viu pela *webcam*: *"Monique, quem são esses homens? Saia desse quarto agora."* Eu falei: *"Calma, mãe. É o cliente que entrou e deve ser para explicar o que vai ser o trabalho"*. Eles sentaram, ficaram sentados



bebendo. Eu olhei para as meninas e falei para ele: *“Pode tirar eles daqui, porque a gente quer dormir; senão, eu vou chamar a polícia”*. Aí ele pediu desculpas, disse que eles estavam bêbados e se retiraram do quarto.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Presidente, só queria fazer uma consideração final.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Queria dizer o seguinte: eu vejo aqui uma coisa. Tudo isso que elas passaram, foram para lá, fizeram coisas que não estavam no contrato do trabalho delas. Foram forçadas a fazer isso. Tiveram o quarto delas invadido. Isso no hotel. Agora que ela está explicando. Eu pensei que tinha sido na própria casa. Eu imaginei isso. Essa mistura de água com fezes de cachorro. Eu estou tentando entender como isso pode ter acontecido, mas a gente não sabe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Só uma perícia para saber como aconteceu isso. É difícil a gente imaginar.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - É verdade. Agora, o que eu estou implicado aqui é que elas voltaram para o Brasil, denunciaram no Consulado, o Consulado brasileiro deu toda a assistência. Esse Daniel deu toda assistência a elas, que conseguiram voltar. Mas eu ainda estou implicado aqui com os pais dela. Ela disse que os pais não quiseram acreditar muito na história. Até ela ficou duas semanas sem falar com o pai. Eles não aceitaram muito a história. Acho que é uma história muito forte para a pessoa não aceitar. Se eu tenho uma filha que é modelo e eu sei que ela vai para lá ganhar o seu futuro, vendo o seu futuro, o seu sonho sendo realizado, e ela me volta com uma história dessa, dizendo tudo que aconteceu e tudo que ela sofreu, eu fico imaginando isso. Eu acho que os pais tinham que mais era defender e não querer acreditar.

Outra coisa é sobre esse Junior Pelicano. Esse Junior Pelicano, pelo que eu estou ouvindo aqui o relato da Monique, ele tem uma experiência já na área, não é um cara amador, não é uma pessoa primária dentro desse assunto, dessa profissão. Pelo jeito, aí mesmo no *site*, pelo que eu ouvi o Sr. Presidente dizendo, ele tem mais de mil modelos que ele já agenciou. Quer dizer, eu acredito que ele sabia muito bem para aonde estava mandando a Monique, sabia muito bem a maneira, porque havia



outras pessoas, outras modelos que já tinham ido e que já tinham sofrido também essas coisas. Por que não ir atrás desse cara? Por que não mover uma ação contra ele? Entendeu? Eu fico pensando isso, Sr. Presidente. Eu quero sugerir a esta CPI que possa entrar em contato com esse Junior Pelicano e trazê-lo aqui para que ele pudesse também esclarecer alguma à nossa CPI.

Eu acho que é muito bom isso, é muito válido.

Só isso, Sr. Presidente. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Muito obrigado. Depois a Monique, se quiser, vai fazer os esclarecimentos que foram suscitados pelas suas indagações, nas suas considerações finais. Finalmente, o Deputado Luiz Couto para fazer alguns esclarecimentos para a gente dar o encaminhamento ou encerramento da nossa audiência.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Monique, no depoimento que vocês prestaram, vocês dizem que os acordos haviam sido propostos pelos olheiros, pelos *scouters* brasileiros. Está dito aqui: *“Por temer represálias, elas preferem não divulgar o nome deles”*. Que represálias seriam essas que vocês poderiam sofrer?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Realmente, nós ficamos com medo de falar dele, no caso, de ele processar. Eu mesmo não entendia nada disso. Procurei advogado depois para saber. Eu tinha medo de ele entrar com processo por estar divulgando o nome dele sem autorização. Por isso eu não falei o nome dele em nenhuma das entrevistas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. A outra. Parece que vocês... Eu não sei se essa fotografia aqui é que vocês tinham que parecer como mulheres da Índia. A roupa seria... O modelo também.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso. Esse foi um trabalho, foi uma revista indiana que eu fiz. Foi um dos trabalhos de modelo que eu fiz para essa revista.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Teriam que trajar, também o cabelo.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sári. Isso. Aí eles colocaram cabelo, pintaram minha mão. Esse foi um trabalho que eu fiz.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Isso para aparecer numa revista?



A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Isso para aparecer numa revista. Foi a capa da revista. Eu saí na capa da revista.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Muito bem. Outra coisa é que, pelo que nós verificamos, o Sr. Junior Pelicano tem uma equipe que trabalha para ele e tem uma outra agência, que é a Agência de Modelo Donna, com dois enes. Inclusive há lá todas as coisas, há o *site*, com uma série de perguntas que são feitas para as modelos ou os modelos etc. É para fazer uma espécie de investigação para saber se a modelo tem algum problema etc. Você passou por essa entrevista para responder às perguntas que essa agência dele...

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Quando eu fui conversar com o Junior, ele me fez algumas perguntas, mas perguntas minhas: qual a sua altura? Medida? Endereço de você onde mora? Já fez trabalho assim? Já fez trabalho desse jeito? Só perguntou essas coisas pra mim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque, a equipe tem produtora, tem gente para tirar fotografia, pra fazer... Então, se há uma equipe, ou seja, na realidade, essas empresas que falam que não têm empresa nenhuma, mas ele tem lá... Essa Donna não é apenas olheira, é também agenciadora de modelos. Ora, se é representante de modelo, tem que ter um documento.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você assinou algum documento, dando uma procuração para o Sr. Junior Pelicano?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Não, não. Ele preencheu...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas ele se apresenta aqui como representante de modelo. Inclusive, na propaganda que foi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Deputado Luiz Couto, parece-me que a Raquel, que esteve aqui, tem uma empresa também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas ela diz que não tem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ela diz, não, não tem. Já foi checado. Não tem CNPJ. Quer dizer, não está constituída como personalidade jurídica. Isso é uma farsa, isso é um...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu sei, eu sei.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O caso dela, se o senhor me permite, apenas num breve comentário, parece-me que reproduz essa situação do Junior Pelicano. Ao que tudo indica... Vamos aguardar, a Monique ficou de nos repassar cópia do contrato e o endereço novo dele. Nós temos como chegar à aferição dessas coisas, mas tudo... O cheiro está no ar. Quer dizer, ele parece também que é um sujeito... Ele, com alguns auxiliares... Como ela, a Raquel trabalhava com o marido na Management, que era o nome da agência. E esse Junior Pelicano oferece também... Não tem contrato, não tem personalidade jurídica. Portanto, não tem responsabilidades que possam ser produzidas civil e penalmente decorrentes disso. Quer dizer, é um jogo de... É a impressão. É o que tudo começa...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Claro, é nesse sentido que eu queria saber se ela tinha dado alguma procuração ou assinado alguma...?

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Eu pedi à advogada... Inclusive, a advogada, quando fui mostrar o contrato para ela, falou: *“Você quer entrar com processo contra ele por ele ter feito isso, porque abandonou você lá no país, e entrar com pedido para receber o que você trabalhou?”*. Ela tentou uma pesquisa com o nome dele para procurar se ele tinha alguma empresa. Pelo que ela me falou, não consta que ele tenha CNPJ ou não uma empresa no nome dele. Ela falou: *“Não vai compensar você processá-lo. Ele não vai... Não vai acontecer nada. Você vai acabar não recebendo pelo que você trabalhou, e vai ficar por isso mesmo, porque eu não encontrei nada dele”*. Ela falou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O que parece mesmo — e acho que é a realidade — é que esse Pelicano faz vários voos por aí, pega as vítimas, joga lá e diz: *“Agora vocês que se virem.”*

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É. (Risos.)

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ou seja, é um pelicano perigoso, tem um bico grande. E não é somente na Ásia e na Europa, é na América também que ele tem contato.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Com certeza.

Muito obrigado, Deputado Luiz Couto.



Agora, faculto a palavra à Monique para suas considerações finais. Se quiser nos esclarecer mais alguma coisa, quiser nos informar mais alguma coisa, quiser comentar mais alguma coisa, fique à vontade.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Eu estou muito feliz com a proporção está tendo esse caso. A novela está mostrando bem isso. Às vezes, nós vamos mais pelo sonho e pela vontade de conhecer outro país. Vamos achando que vai ser uma coisa e acabamos que não... Tem que ver as coisas direito, senão acontece isso. A gente vai com esperança e não faz as coisas direito. Eu nunca mais caio em outra. Eu espero. Nunca mais vou deixar de analisar um contrato, ler o que vai ser bom para mim, o que não vai, o que vai ser direito meu, o que não vai, porque eu conheço muitas meninas, tenho amigas que sonham em ser modelo, falam que fariam tudo para conhecer outro país, para poder ir para trabalhar, para fazer fotos. Nem tudo, infelizmente, é *glamour*. A gente pensa que vai ganhar, mas não é assim. Tem um monte de obstáculos até chegar... Eu já fiz, graças a Deus, trabalhos que me deram dinheiro, que me ajudaram. Entendeu? Em Milão, fui muito bem recebida pelo pessoal. Eu aprendi muito. Com 14 anos, a agência abriu as portas para mim. Não tive nenhum tipo de maus-tratos. Todo mundo me tratou superbem. Quando eu cheguei a Deli, eu me surpreendi. Ela faz isso. Na Índia, as pessoas são — por ser um país... — muito pobres. Ela tratava todo mundo com muita arrogância, os mendigos, os empregados. Eu não sei se... Na França, ela não deve fazer isso. Não deve ser aceito esse tipo de coisa. Como me falaram lá, ela faz isso na Índia porque as pessoas deixam, dão o poder para ela fazer isso. Então, eu só não queria que acontecesse com outras meninas, entendeu? Porque ela continua lá. Ela não foi punida, ela não foi deportada. Pelo que o Consulado me informou, pelo que a Embaixada falou, ela não foi deportada, ela continua lá. Então, o medo é de ela fazer a mesma coisa com outras meninas. Há meninas que trabalharam para ela meses. Ninguém recebeu. Trabalhou, sofreu, e ninguém recebeu. Eu ainda fiquei pouco tempo. Com 1 mês e pouco que eu estava lá, não aguentei a situação e procurei meus direitos, porque não aguentei ficar. A Deivy ficou 3 meses. Ela falou que não estava aguentando mais a situação. Ela não estava aguentando mais a situação de ficar lá 3 meses passando tudo o que ela estava passando: doente, com infecção no pé, passava fome, tinha que emagrecer forçado, porque ela só falava



que ela estava gorda. Então, ela ainda aguentou mais tempo. Agora eu, com 1 mês e pouco, não aguentei a situação. Foi bem puxado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O.k.

Eu agradeço mais uma vez sua vinda aqui e seus esclarecimentos.

A SRA. MONIQUE MENEZES DA SILVA - Eu que agradeço, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Com certeza, isso vai nos ajudar muito a tentar encontrar um caminho que possa restringir a liberdade com que essas “agências” — entre aspas — operam nesse mercado da moda, produzindo situações dessa natureza.

Eu queria só, antes de encerrar nossa audiência, prestar algumas informações.

Antes, porém, coloco em votação o Requerimento nº 67, de 2012, que prevê a realização de diligências, oitivas e audiências públicas desta CPI nos Estados do Rio Grande do Sul e da Bahia.

Nós já tínhamos acertado, apenas por razões de agenda... A previsão da ida à Bahia esta semana não foi possível por uma série de implicações. Depois nós temos que, informalmente, acertar uma próxima data, na próxima semana ou na outra, que são as duas últimas semanas que temos aqui para fazer alguma coisa. Acho que deveríamos fazer um esforço para ir, ainda antes do encerramento do final do ano, a Salvador, ainda que seja como prioridade.

Enfim, há esse requerimento aprovando oitivas, diligências e audiências no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, na quinta-feira, e no Estado da Bahia.

Os Srs. Deputados e as Sras. Deputadas que estejam de acordo mantenham-se como estão. *(Pausa.)*

Está aprovado o requerimento.

Não havendo mais nada a tratar, dou por encerrada esta audiência pública, agradecendo a presença a todos os presentes, em particular aos Srs. Deputados que estiveram aqui prestigiando nossa reunião.

Muito obrigado.

Bom dia a todos.